

Oduvaldo Vianna Filho

PEÇAS DO CPC

A MAIS-VALIA VAI ACABAR, SEU EDGAR

MUNDO ENTERRADO



1ª Edição
Expressão popular
São Paulo – 2016



A MAIS-VALIA VAI ACABAR, SEU EDGAR¹

Oduvaldo Vianna Filho

PERSONAGENS

Anitinhazinha

Avó

Barbeiro 1

Barbeiro 2

Capitalista 1 (*pai, vilão*)

Capitalista 2 (*mocinho*)

Capitalista 3 (*capanga*)

Desgraçado 1

Desgraçado 2 (*feliz*)

¹ Utilizamos para esta edição duas fontes. A primeira, aqui identificada como PUB, foi publicada no primeiro e único volume da coleção organizada por Yan Michalski (VIANNA FILHO, Oduvaldo. "A mais-valia vai acabar, seu Edgar". In: MICHALSKI, Yan. *Teatro de Oduvaldo Vianna Filho*. Rio de Janeiro: Ilha, 1981, v. 1, p. 223-282). Ao que tudo indica, ela corresponde ao texto da primeira montagem. A segunda, identificada como DAT, é uma cópia datilografada cedida a Sérgio de Carvalho por Lauro César Muniz. Muito provavelmente é o texto da remontagem realizada após a cisão do primeiro elenco. Acompanhamos a versão PUB, sendo a comparação com a versão DAT e a redação das notas realizadas por Patrícia Freitas dos Santos e Paulo Bio Toledo. Revisão de Beatriz Bittencourt, Paulo Fávori e Sara Mello Neiva.

Desgraçado 3
 Desgraçado 4
 Economistas 1-4
 Enfermeira
 Feirantes 1-8
 Gago
 Indivíduo (*mosqueteiro*)
 Ingênuo Suicida
 Mocinha
 Moça
 Pancrácia Acácia
 Pancrácio Acácio
 Porteiro da Feira
 Sujeito Circunspecto
 Vendedor de Suicídios
 Vendedor Velostec

OS ATORES SE DIRIGEM AO PÚBLICO:

Atenção! Vai começar a função!
 Não será o melhor espetáculo da Terra,
 pobre de terra como ainda será.²
 Mas:
 não faremos chorar porque o croquete sobrou,
 rir não faremos porque o croquete faltou.
 Queremos cantar o que sabemos,
 apesar de pouco sabermos;
 queremos fazer vocês rirem
 da graça que ninguém tem.
 Titio e titia não brigarão,
 nenhuma dona Maria vai chorar;
 Titio, titia, dona Maria
 estão cansados de brigar,
 desistiram de chorar.
 Estão todos na rua pensando como chegamos até aqui
 com sono, língua de fora, camisa puída e a vontade deitando.
 Só nos velhos palcos se choram, se brigam
 os deslembados que a vida é gastada na rua
 com jornal, promissória, remédio, trator,
 porta-avião, saudade, gravata, salsicha, canhão.
 Procuramos outro descaminho³
 mesmo enterrado, sem graça, raivudo

² Este verso consta apenas em PUB.

³ Em DAT: "Procuramos outro caminho".

Para deixar de chorar porque o penico furou,
 pneu estourou, cometa tem rabo, vovó não gosta de nabo.⁴
 Somos poucos: eu, eu, Abreu, Romeu, Tadeu, Dirceu⁵
 Edvirges Seixas Dosório.⁶
 José não veio com dor na espinha,
 André faltou porque deflorou a vizinha.
 Então é fazer papéis à mão-cheia:
 mudo de roupa sou bom, sou mau, sou gago,
 sou quatro, mocinho, fico na fila.
 ATENÇÃO! Vai começar a função!
 Não será o melhor espetáculo da Terra!
 Mas será do melhor de todos nós.⁷

(Os atores que participam da primeira cena dirigem-se para os seus lugares. Três Capitalistas: 1, 2 e 3 em volta de um painel onde está desenhada uma linda piscina “guarujazenta”. No painel lê-se: “piscina”. Um baú em cena, no fundo, guarda todos os apetrechos que os atores utilizam durante o espetáculo. Os Capitalistas fumam, bebem etc. Quatro sujeitos de macacão, barbudos, em volta de uma máquina. Mulher, charuto, chiclete, isqueiro, travesseiro, tudo surge da máquina enquanto for cantado o primeiro coro, inclusive uma mulher que os Desgraçados olham embevecidos enquanto cantam. Um dos Capitalistas segura o sol pendurado num pedaço de arame.

⁴ Em DAT: “pneu estourou, caneta tem rabo, vovó não gosta de nabo”.

⁵ Em DAT, há mais um nome: “eu, eu, Abreu, Romeu, Tadeu, Dirceu, Zé Bedeu”.

⁶ Em DAT: “Edvirges Seixas Rosário”.

⁷ EM DAT, após este verso há a rubrica “(Os créditos são apresentados em slides. Acompanha fundo musical.)”, que revela marcas da encenação.

Um leva e traz [Desgraçado 2] leva os produtos da máquina para os “senhores da alienação”.)⁸

CORO DOS DESGRAÇADOS⁹ –

Trabalhamos noite e dia,
 dia e noite sem parar!
 Então de nada precisamos
 se só precisamos trabalhar!
 Há mil anos sem parar!
 Fizemos as correntes que nos botaram nos pés,
 fizemos a Bastilha onde fomos morar,
 fizemos os canhões que vão nos apontar,¹⁰
 HÁ MIL ANOS SEM PARAR!
 Não mandamos, não fugimos, não cheiramos,
 não matamos, não fingimos, não coçamos,
 não corremos, não deitamos, não sentamos:
 trabalhamos.
 HÁ MIL ANOS SEM PARAR!
 Ninguém sabe nosso nome,

⁸ Em DAT a rubrica é ligeiramente diferente: “(Os atores que participam da primeira cena dirigem-se para os seus lugares. Três Capitalistas: 1, 2 e 3 em volta de um painel onde está desenhada uma linda piscina. Um baú em cena, no fundo, guarda todos os apetrechos que os atores utilizam durante o espetáculo. Os Capitalistas fumam, bebem etc. Quatro sujeitos de macacão em volta de uma máquina. Mulher, charuto, chiclete, isqueiro, travesseiro, tudo surge da máquina enquanto os Desgraçados dizem o coro. Um dos Capitalistas segura o sol pendurado num pedaço de arame. Um leva e traz [Desgraçado 2] leva e mostra os produtos da máquina para os ‘senhores da alienação’.)”

⁹ Em DAT apenas “DESGRAÇADOS”.

¹⁰ Em DAT o verso é “fazemos os canhões que vão nos apontar”.

não conhecemos a espuma do mar,
somos tristes e cansados
HÁ MIL ANOS SEM PARAR.
Eu nunca ri – eu nunca ri – sempre trabalhei.
Eu faço charutos e fumo bitucas,
eu faço tecidos e ando pelado,
eu faço vestido pra mulher,
e nunca vi mulher desvestida.
HÁ MIL ANOS SEM PARAR!¹¹
Maria esqueceu de mim
E foi morar com seu Joaquim.
HÁ MIL ANOS SEM PARAR!

(Apito longo. Um cartaz aparece: “Dois minutos de descanso e lamba as unhas”. Todos vão tentar sentar. Menos o Desgraçado 4 que fica de pé furioso.)

DESGRAÇADO 1 – Ajuda-me aqui, Dois. Eu quero me dá uma sentadinha.¹²

(D2 ri de tudo.)

DESGRAÇADO 3 – Senta. (D1 vai pôr a cabeça no chão.) De assim, não. Acho que não é com a cabeça, não.

DESGRAÇADO 1 – Eu esqueci.

DESGRAÇADO 3 – A bunda, põe ela no chão. A perna é que eu não sei.

DESGRAÇADO 2 – A perna tira.

(D3 e D2 desistem de descobrir. Se atiram no chão.)

¹¹ Este verso não consta em DAT.

¹² Em DAT, o pronome foi suprimido: “D1 – Ajuda aqui, 2”.

DESGRAÇADO 1 – A perna dobra!¹³ (Senta. Satisfeito.)

DESGRAÇADO 2 – Quero ver levantar.

(Todos olham para D4, fazem sinais para que ele se sente.)

DESGRAÇADO 4 – Não! Chega pra mim! Eu só trabalho, trabalho, trabalho... (Perde o fôlego.)

DESGRAÇADO 3 – Eu te ajudo: trabalho, trabalho, trabalho...

DESGRAÇADO 4 – E tenho dois minutos de descanso? Nunca vi o sol, não tomei leite condensado, não canto na rua, esqueci de sentar, quando chega a hora de descansar, fico pensando na hora de trabalhar! Chega!

SLIDE:¹⁴ Quem canta seus males espanta.

DESGRAÇADO 1 – A paga vem depois... quando a gente morre! (Canta.)

Você vira um anjo todo branco,

Rindo sempre da brancura,

Bebe leite em teta de nuvem,

Não tem mais fome, não tem saudade,

Pinta o céu de cor de felicidade!¹⁵

DESGRAÇADO 3¹⁶ – Mas lá não tem mulher!

¹³ Em PUB a frase utilizada é “A perna é dobra!”. Esta construção inusual pode ser um erro de digitação, por isso optamos pela variante de DAT.

¹⁴ Todas as indicações de slides estão presentes apenas em DAT. São frases projetadas em cena, quase sempre provérbios adulterados.

¹⁵ Em DAT, a canção tem algumas variações: “D1 (cantando) – A paga vem depois que a gente morre / Você vira um anjo todo branco / Rindo sempre da brancura / Bebe leite ou teta de nuvem / Não tem fome, não tem mais saudade / Pinta o céu de cor de felicidade”.

¹⁶ Em DAT, há a rubrica: “(sem cantar)”.

- DESGRAÇADO 4 – Lá não me deixam entrar: rasgado, zangado, parado, descascado, cansado, desmanchado.
- DESGRAÇADO 3 – E mesmo se deixarem: você fica de camisola, com asa nas costas, morrendo de vergonha, com medo de cair, sem mulher. Rindo amarelo da sem-gracice que tem.
- DESGRAÇADO 4 – E o patrão todo folgado. Quando fica sujo é com creme chantili no bigode, por causa do pagode.
- DESGRAÇADO 3 – Vou lá e tiro a mulher dele, a filha dele, a sogra dele...
- DESGRAÇADO 4 – Você só pensa em mulher?
- DESGRAÇADO 3 – Nua.
- DESGRAÇADO 4 – E você de que tanto ri?
- DESGRAÇADO 2 – Não sei.
- DESGRAÇADO 1 – Mulher, raiva do próximo e do afastado... é isso a danação! Você não quer trabalhar porque é vagabundo, bundo; quer ficar escrevendo nome feio em latrina, trina; assistindo partida de futebol, tebol; dançando em carnaval, naval; quer jogar sinuca com uma mão só, só; espiando a irmã de seu amigo pelo buraco da fechadura, dura.
- DESGRAÇADO 3 – Tem graça! A Graça, irmã de meu amigo, nem de graça. A sua ainda...
- DESGRAÇADO 1 – O quê?
- DESGRAÇADO 3 – Assua... assua o nariz, infeliz.
- DESGRAÇADO 1 – Vocês querem é sossego, chamego, aconchego, labrego!
- DESGRAÇADO 3 – Eu quero mulher.
- DESGRAÇADO 4 – Que sossego? Eu não quero é virar *Catupiry*. Não quero viver tendo vontade de gritar: pa-ra-le-le-pí-pe-do! A-ba-ca-xi!

- DESGRAÇADO 3 – So-fia Lo-ren!
- DESGRAÇADO 1¹⁷ – Você é um pecador! Esse fogo que arde no seu peito é a raiva, o desrespeito. Gente assim é que mijá no muro, põe dedo no nariz, não limpa o pé no tapete, deixa crescer o topete!
- DESGRAÇADO 4 – E o patrão, poltrão?
- DESGRAÇADO 1 – Ele pode, capão! Ele sabe o que faz. Leu nos livros a educação. Pra condessa não diz palavrão, na igreja põe seu tostão, na Indochina fala Indochinão.
- DESGRAÇADO 3 – E tem tudo quanto é mulher de colher.
- DESGRAÇADO 4 – Vamos reclamar.
- DESGRAÇADO 3 – Nós queremos mulher! Nós queremos mulher!
- DESGRAÇADO 4 – Qual mulher! Qual mulher! Abaixo a tirania, dona Maria!
- DESGRAÇADO 1 – Viva a ordem... belém, bem, bem.
- DESGRAÇADO 4 – Abaixo a tirania.
- DESGRAÇADO 1 – Viva a ordem.
- (*Arregaçam as mangas. Vão brigar. Outro apito-cartaz: "Já descansou pra burro?"*)¹⁸
- DESGRAÇADO 4 – Outra vez trabalhar?
- DESGRAÇADO 1 – Mas nem se tem tempo de brigar aqui?¹⁹
- DESGRAÇADO 4 – Não se pode nem meter a mão no *Catupiry*?
(*Se olham.*)

¹⁷ Em PUB a personagem é marcada como Desgraçado 4, provavelmente um erro da edição publicada. O teor religioso da fala segue a característica arquetípica de Desgraçado 1, tal como na versão DAT.

¹⁸ Em DAT a rubrica é ligeiramente diferente: "(*Arregaça as mangas, vão brigar. Outro apito. Cartaz: 'Já descambou pra burro.'*)".

¹⁹ Em DAT o "se" foi suprimido: "D1 – Mas nem tem tempo de brigar aqui?".

CORO –

Mais dois minutos de descanso!

Mais dois minutos de descanso.

(Saem levando a máquina. Continua o Coro nos bastidores.)

DESGRAÇADO 2 *(ao público)* – Essa ideia daí é muito boa, sabem por quê? Vou fazer uma coisa que eu estou esperando há sete anos pra fazer. A última vez que eu botei o sapato, eu botei ele trocado. Num dói muito, não. Mas é que eu nunca vou pra onde eu quero. Eu aproveitava e destroçava.

(Voltam os outros. Cartaz: “Mais dois minutos”.)

SLIDE: União se faz à força.

CORO – Eu posso ser contra você.

Eu posso achar você manteiga.

D4 – Eu quero viver, deixar de sofrer.

D3 – Eu quero mulher.

D1 – Eu quero sofrer, deixar de viver.

D2 – Eu não quero nada propriamente dito.

Mas numa coisa nós estamos juntos:

Você precisa comer ô-lê-lê.

Você precisa vestir ô-lê-lê.

D3 – Eu quero mulher – a Lalá!

Nós precisamos descansar: ô-lê-lê ou a Lalá!²⁰

²⁰ Em PUB não há a indicação das personagens nos versos. Optamos por manter a notação de DAT.

(Enquanto cantaram, noutra canto, a moça que saiu da máquina se despede dos Capitalistas e sai. Eles viram o tapume – agora ele representa uma janela de um palacete. Somem atrás do tapume. Aparecerão de short, como estavam, mais cartola, gravata, óculos escuros. Estes apetrechos são tirados do baú, à vista do público. O tapume serve de biombo também.²¹ Os Desgraçados dão voltas pelo palco em passeata. Chegam em frente da casa dos Capitalistas.)

DESGRAÇADO 4 – Quem grita?

DESGRAÇADO 3 – Eu não. A última vez que gritei foi quando nasci... Tomei uma palmada no assento e aprendi. *(Gritam juntos. D2 grita: “Queremos mais dois minutos de balanço”. Toma um tapa de D4 e aprende.)*

CORO – Queremos mais dois minutos de descanso!²²

(Capitalista 1 põe a cara, furioso, na janela.)

CORO – Queremos mais dois minutinhos de descanso!²³ *(Capitalista 3 aparece.)* Queremos mais um minutinho de descanso!

CORO DOS CAPITALISTAS –

Parem!

Descanso pra viver no manso, comendo ganso, no remancho?

Pra beber quanto quiser, passar a mão em mulher, roubar minha colher?

(Quando falam em mulher D3 vai se manifestar. Os outros o seguram.)

Ó-ó-ó! Tó!

²¹ Em DAT: “O tapume serve de biombo”.

²² Em PUB, a fala é atribuída ainda ao Desgraçado 3.

²³ Em DAT não há o diminutivo: “CORO – Queremos mais dois minutos de descanso!”.

Coisa nenhuma! Voltem a trabalhar!

(C3 e C1 desaparecem.)

DESGRAÇADO 2 – Vai ver ele não entendeu bem.

DESGRAÇADO 1 – Eu já vou indo. Meu pai está muito doente.

DESGRAÇADO 3 – Você nunca viu seu pai!

DESGRAÇADO 1 – Então. Deve ser porque ele está muito doente.

DESGRAÇADO 4 – Queremos mais dois minutos de descanso!

(Agora os três Capitalistas aparecem.)

CAPITALISTA 2 (*baixo. Aos outros Capitalistas.*) – Vocês só sabem fazer arruaça?

CAPITALISTA 1 (*baixo*) – Vaganádegas!²⁴ Só querem é beber cachaça!

CAPITALISTA 2 – Você fabrica pinga, seu safado.

CAPITALISTA 1 – E pinga faz bem à circulação... à sombra... ao antebraço!²⁵

CAPITALISTA 2 – Precisa ser na manteiga. No devagarinho. No está tudo bem. Vê se aprende. (*Volta-se para os Desgraçados.*) Chegou aos meus ouvidos a voz de meus amidos. Ou... chegou aos meus ouvidos a voz de meus amigos. (*Os Desgraçados se entreolham.*) Não poderia deixar de comparecer diante de apelos tão fraternais. Somos homens, hoje, porque através da história aprendemos que, como homens, somos iguais!

CAPITALISTA 1 – Isso é mentira.

CAPITALISTA 2 – Eu acho que é.

CAPITALISTA 3 – Começou a mentir, não pode parar. Não pode parar!

CAPITALISTA 2 – E daí?

CAPITALISTA 1 – Aí um dia a casa cai, menino.

CAPITALISTA 2 – Mas não em cima da minha cabeça, menino.

CAPITALISTA 1 – Precisamos pensar nos filhos, nos meninos.

CAPITALISTA 2 (*aos Desgraçados*) – Sei o que pretendem, meus irmãos. Mais dois minutos de descanso. É justo, é justo, é justo. Querem jogar seu bilharzinho, torcer pro Flamengo, bater uma batucada, brigar na esquina, cantar samba, cantar menina. Tempo pra elevar o pensamento até a trinca... trinca...

CAPITALISTA 3 – Trindade.

CAPITALISTA 2 – Santíssima Trindade! Porém... dois pontos – façolhes antes uma perguntita. Antes de fazer-lhes uma perguntita vou contar-lhes uma história, antes de contar-lhes uma história vamos distribuir balas de água ao povo – homenagem da Casa Dá Cá.²⁶

CAPITALISTA 3 – Dá Cá... Toma lá?

CAPITALISTA 2 – Dá Cá. Única na América do Sul, Argentina, Peru, Rua da Quitanda e ilhas. (*Os dois outros Capitalistas atiram pingos de água.*) Eis a história, minha história. Nasci num repolho, era dia de chuva de céu preto e zangado quando abri o olho. Com três meses vi-me sozinho no mundo desalmado, com um papelzinho no bolso da fralda. Abri-o e li-o. Com três meses fui obrigado a ler, graças aos óculos da casa “Tô te manjando daqui de longe, hein?”.

CAPITALISTA 3 (*comovido*) – Verdade essa história? Seu pai não tinha aquela fazenda... (*Toma um cutucão no estômago.*)

²⁴ Corruptela cômica de “vagabundo”.

²⁵ Em DAT “antebraço”, mantemos a forma estranha que sugere uma piada.

²⁶ Em DAT, a palavra “perguntita” foi substituída por “pergunta” nas duas ocorrências.

CAPITALISTA 2²⁷ – Lá estava escrito: *Hei de vencer!* E esse foi o meu lema. Nós estamos sozinhos no mundo contra as chuvas, as saúvas, a maldade, a iniquidade, a injeção, a tosse... contra tudo. E eu i, olhi e venci. (*C1 faz música de fundo agora.*) Trabalhava entre vinte e cinco horas na fábrica de um homem mau que roubava o povo bom... as outras trinta e duas horas do dia trabalhava para mim, aprendendo sob a luz dos vagalumes... (*Vai para trás da janela que vai servir de bastidor para esta cena. Todos se preparam lá atrás. Revólver. Lenço no pescoço. Chapéu de Mocinho. A preparação fica bem visível para o público. Cantam música de suspense, enquanto isso uma moça entra pelo outro lado com dois banquinhos. Um servirá de banco mesmo, o outro de mesa. Chora. O Capitalista 2, vestido pitorescamente de Mocinho, senta-se no banco. Conta umas moedas. Outra música de fundo suave.*)

CAPITALISTA 2 – Trinta e dois dinheirinhos, Maria Maria.

MARIA²⁸ – Mais três punhadinhos e poderás terminar a máquina que inventaste... E tudo serás mais barato! Mas – ó, vida filha da mãe – meu pai, mocinho? Ele não deixar-te-á você progredires? Soube de tudo e expulsou-te você da fábrica!

CAPITALISTA 2 – Descobri que o pai teu mistura terra na farinha e explora o povo que é tão povo ou mais povo do que eu!

MOCINHA²⁹ – Mas a máquina que inventaste, mocinho, também mistura farinha na terra.

CAPITALISTA 2 – Muito menos... e terra de primeira sem minhoca onde tem mandioca.

MOCINHA – Eu te amo, mocinho.

CAPITALISTA 2 – Idem, mocinha. (*Ao público.*) Assim era a minha vida... heroica, escondido na toca, agitada que nem pororoca.

MOCINHA (*pegou uma bandeja que lhe dão do bastidor*) – Olha, eu trouxe o queijo pra você... o pudim... (*Toma um cutucão.*) Ah! (*Chora.*) Nada mais arranjei-te para que comesses, senão estê-te punhado de capim, mocinho...³⁰

CAPITALISTA 2 – Capim. Isso mesmo, meus amigos. Capim pra mim e não pudim! Porque eu não aceitei a intolerância, a mentira, o maxixe, o colarinho duro, a palmatória... Capim e não pudim. (*Come capim.*)

MOCINHA – Como arranjarás o dinheiro que falta?

CAPITALISTA 2 – Você canta num canto um velho cheio da grana...³¹ Não!! Vou dar sangue. (*A Moça desmaia.*) Darei todo o meu sangue... minha cueca... toda a minha vida. Mas hei de vencer! (*Largou a moça. A moça caiu. Agora beijam-se. Entram C1 e C3.*³² *O primeiro é o Vilão. Bigode. Casaca preta. C3 é o Capanga. Letreiro: "Capanga"*.)

CAPITALISTA 1 – Canalha! Tira a mão do material! Me expressei muito mal: tirei a mão de minha filha!

(*Os dois saíram de trás do tapume. Do painel.*)

CAPITALISTA 2 – Vossa filha és meu amor, senhor.

CAPITALISTA 1 – Saia e blusa! Fiz outra confusa! Saia desta cidade, senão mandarei matá-lo! E você fica de castilho, de joilho em cima de milho.

²⁷ Em DAT e PUB esta fala faz parte da fala anterior, de Capitalista 3. No entanto, claramente é uma retomada da história do Capitalista 2, razão pela qual a desmembramos.

²⁸ Em DAT e PUB a personagem Mocinha é identificada como Maria nesta única ocasião.

²⁹ Em DAT e PUB, a notação do nome da personagem muda de uma fala para outra: de Maria para Mocinha.

³⁰ Em DAT: "Olha, eu trouxe-te o queijo prá vocês... o pudim... [...]".

³¹ Em DAT: "Você canta um velho cheio da grana...".

³² Em DAT e PUB a rubrica é "*Entram C1 e C2*", apesar de Capitalista 2 já estar em cena. A rubrica deve referir-se a Capitalista 3, como indica a lista de personagens que consta em PUB.

MOCINHA – Eu ides com ele, ó, pai.

CAPITALISTA 1 – Vais passares fome, dormires no duro, não vais mais assistir televisão, não vai mais dar bola pro Claudionor, candidato a vereador?

MOCINHA – É mesmo. Tchau, mocinho. Não, não. Irei com ele por todos os descaminhos da vida, pai... Sejam eles dos bons, dos maus ou dos regulares!

CAPITALISTA 1 – Vai. Desapareça da minha vista filha malquista! *(Sai para trás da janela. Antes a Mocinha lhe dá os banquinhos que ele também leva para trás da janela.)*

CAPITALISTA 3 *(ao público)* – Não disse nada mas eu sou mau. Escondi o mingau do filho do Nicolau no quintal do Aderbal. *(Sai.)*

CAPITALISTA 2 – Assim continuava a minha vida. Somente a Mocinha me acompanhava, alguns cachorros, o vento... e a fome, os calos. Mas o papelzinho no bolso. *(Lê.)* New York City Bank...³³ Não. Hei de vencer! Depois de um tempão consegui um dinheiro para acabar a invenção. Vendi meu sangue, um dedo da mão, vendi minha sombra, e o meu calção.

MOCINHA – Me vendeu tam... *(Toma outro cutucão.)*³⁴

CAPITALISTA 2 – Finalmente chegou o dia final. Era preciso vencer o último obstáculo fatal. O sangrento e casquento obstáculo mortal! *(Canta a música de suspense enquanto vai para trás dos bastidores. C3 e C1 voltam de trás dos bastidores. Revólveres. O Mocinho atrás canta a música: Trazem uma banquetta, um cartaz: "Farinha Cr\$ 200,00". Colocam a banquetta e anunciam.)*³⁵

³³ Em DAT: "New York Bank".

³⁴ Em DAT: "MOCINHA – Me vendeu também... *(Toma outro cutucão.)*".

³⁵ Em DAT: "[...] voltam para trás dos bastidores. Revólveres. O Mocinho atrás canta a música. Trazem uma banquetta. Um cartaz: 'Farinha: Cr\$ 200,00'. Colocam a banquetta e anunciam".

CORO – Olha a farinha, desgraçados! Duzentos dinheirinhos, um punhadinho. Quem não quiser que coma capim.

(Figurantes entraram em cena agora. Quatro. Fazem fila imprecando contra o Vilão. O Mocinho surge de trás do tapume. Ele e a Mocinha montados num cavalinho de cabo de vassoura. Cantam música apoteótica. Trazem também uma banquetta. Cartaz: "Farinha – Cr\$ 50,00 = última invenção".)

CORO *(Mocinho e Mocinha)* –

Olha a farinha,

Limpa e bem purinha,

Branca como lembrança de paixão.

Cinquenta dinheirinhos,

Quem comprar dois punhadinhos,

Concorre ao sorteio de um lotação!

*(A fila que quase estava comprando na banquetta do Vilão saída com entusiasmo a chegada do Mocinho. Dirigem-se para ele. O Vilão, furioso, vem por trás, com o Capanga. Filme de cowboy. O Mocinho se vira. Oitenta e três tiros de cada lado. O Vilão morre de rir e cai duro no chão. O Capanga desde o início da briga está com o revólver sacado, atrás do Mocinho. Mesmo assim existe uma esperança.)*³⁶

MOCINHA – Olha atrás, Mocinho.

(Mocinho olha e não vê nada. O Capanga espera. O Mocinho acorda. Tira um espelhinho e mata o Capanga. Vilão e Capanga agora, mortos, rolam pra trás do painel. Os figurantes felizes fazem uma roda em torno do Mocinho e da Mocinha.)

³⁶ Em DAT não há esta rubrica.

CAPITALISTA 2 – Avisaste-me em tempo, mocinha. (*Canta.*)

Hei de vencer,
 lutar até morrer,
 pela história,
 pelo meu bem-querer.
 Hei de vencer,
 cobrir mamãe de glória,
 hei de sorrir,
 hei de mamar!

(*Os figurantes saem. Tudo volta ao normal. O Capitalista 2 sobe no baú. Os outros dois, já novamente Capitalistas ao seu lado. C2 ainda continua vestido de Mocinho.*) Eis a minha história, sem enfeites e macetes. Deslutei, destrabalhei sem descanso e desvenci. Não era preciso vender um pouco mais caro, seu Amaro? Era preciso. Meu lucro tinha que existir para extinguir em todos os recônditos recantos do mundo os homens que sugam como vampiros imundos o trabalho de seus semelhantes. É preciso continuar a ganhar – para a luta continuar. O meu lucro – que não paga metade de meu trabalho – é dedicado à luta pela liberdade. Vendo mais caro – nada oculto aos homens de bem – para construir novas máquinas, novas vidas. Toda vez que estiver em jogo a dignidade do homem, eu responderei: presente. Um soldado a mais no Exército que luta em nome da vida, do sonho dos poetas, de um mundo melhor, todo flores, crisântemos, sorrisos, todo mãos apertando mãos, bocas comendo pães. (*Os dois Capitalistas sobem no baú também.*)³⁷

³⁷ Em DAT há duas variações neste trecho. Após a rubrica, a fala de Capitalista 2 se inicia da seguinte forma: “Eis minha história, seu Amaro? Era preciso. Meu lucro tinha que existir pra extinguir... [...]”. O final da fala também está de modo diverso: “[...] todo mãos apertando mãos, tudo bocas comendo pães. [...]”.

CORO DOS CAPITALISTAS³⁸ –

Todos nós temos histórias iguais,
 de luta, suor e lágrimas...
 De descrença, vontade e fibra.
 Vencer é lutar, lutar é vencer.
 Continuamos lutando
 para que nossos filhos um dia futuro
 se lembrem de nós
 com uma lágrima de orgulho,³⁹
 Com um pedaço de sorriso,
 Com rosas na mão,
 Com rosas no coração!

(*Os Desgraçados se impressionaram muito. Choram pra burro.*)

SLIDE: Quem com ferro fere... é o dono do ferro.

CAPITALISTA 2 – A história foi contada. Agora a pergunta... Querem mais dois minutos de descanso?⁴⁰

(*Os Desgraçados vão saindo. Chamam D4. D4 quer ficar.*)

DESGRAÇADOS – Não... não... não... (*Saem.*)

CAPITALISTA 2 – Gostaram?

CAPITALISTA 1 – Que nada. Com essa gente não se pode conversar, não. É queijo, queijo?⁴¹ Pão, pão. (*Como se desse tiro.*) Você faz

³⁸ Em DAT apenas “CORO”.

³⁹ Em DAT: “Com lágrima e orgulho.”

⁴⁰ Em DAT: “CAPITALISTA 2 – A história foi contada. Agora a pergunta... Querem dois minutos de descanso?”.

⁴¹ Em DAT não há interrogação.

assim porque quer ser candidato, eu sei. Só pra poder acabar com a minha fábrica de bosta que anda fazendo concorrência pro seu primo gago, afônico, bobo e sem costa.

CAPITALISTA 2 – Concorrência desleal... Eu sei que você mistura areia no pão.

CAPITALISTA 1 – Areia faz bem ao baço, ao fígado, ao pudor...
Você que roubou o seu pai!

CAPITALISTA 2 – Ele já estava morrendo.

CAPITALISTA 3 – A gente não pode ficar discutindo. Quando se começa a mentir os outros começam a descobrir.

CAPITALISTA 1 – Isso mesmo. Nada de mentira. É queijo, queijo?
Pão, pão. Se ouviu uma vez, agora tem que ouvir todo o mês!

CAPITALISTA 2 – Queijo, queijo, pum, pum... eles vêm e estraçalham seu bumbum!

CAPITALISTA 1 – Eu estraçalho primeiro essa eirada nem beirada...
De mim só ganham na sinuca e no futebol.

CAPITALISTA 2 – E quem é que trabalha, cretino?

CAPITALISTA 1 – V. Ex^a. me chamou de cretino? V. Ex^a. que é um conhecido cafetino!

CAPITALISTA 3 – Vocês ficam discutindo, daqui a pouco eles estão outra vez pedindo.

(O Desgraçado 4 dentro do palco dá um berro.)

DESGRAÇADO 4 – Não acreditei nessa história, dona Glória!⁴²

(Os capitalistas imediatamente largam as suas posições de briga e começam a pensar. Capitalista 3 tem uma ideia. Reúne os outros. Aceitam. Correm para o painel que é encostado no fundo do palco. Tiram do baú

⁴² Em DAT: “D4 – Não acredite nessa história, dona Glória!”.

um microfone, volantes de publicidade e uma cabeleira. Os Desgraçados e mais os figurantes começam a andar no palco como se estivessem na rua. A ideia então é divulgada.)

CAPITALISTA 1 *(locutor. Com microfone.)* – Você é o homem mais feliz do país? Eis aí a sua grande oportunidade de passar para a eternidade! Ganhe também uma viagem aos Estados Unidos, homem mais feliz do país!

(Capitalista 2 distribui volantes enquanto isso. De mão em mão. Passa correndo com um cartaz de homem-sanduíche.)

CAPITALISTA 3 *(pôs a cabeleira. Garota propaganda. Como se estivesse na televisão. Os Desgraçados se concentram na frente dela.)*
= Será você aí na esquina com a mão no nariz? Ou você que está na fila do lotação há sete anos e oito dias? Você aí – largue a sua marmitta e venha concorrer. Você também que conserta o esgoto fedido da Avenida Buracos a Granel. Venha. Uma viagem aos States, homem mais feliz do país!

(As luzes se apagam. Vozes: “Você é o homem mais feliz do país, infeliz? Você é o homem mais feliz do país, infeliz?”)

(A luz se acende. Uma banca examinadora com os três Capitalistas. Na porta um cartaz: “Fila para o homem mais feliz do país. Para concorrer basta fumar cento e doze maços de comigo ninguém põe a cara”. No escuro diversas vozes gozando a escuridão: “Não vejo nada, ô. Ai, meu pé... Uma a mão dá, Teodoro. Não sou Teodoro. Então põe a mão aí...” D1, D2, D3 e figurantes entram na fila. Todos fumam desesperadamente. Cigarro no ouvido. Uma moça na porta. Anunciante.)⁴³

⁴³ Em DAT, toda a passagem desde a fala “DESGRAÇADO 4 – Não acreditei nessa história, dona Glória!” até este ponto é diferente: “(Os Capitalistas imediatamente largam suas posições de briga. Se reúnem.) / C2 – É preciso

FIGURANTE 1 – Puxa, eu só entro nessa história para entrar em fila.

FIGURANTE 2 – E pra vir pro teatro eu também entrei na fila.

FIGURANTE 3 – No mundo de hoje só tem fila.

FIGURANTE 4 – Fila da mãe!

DESGRAÇADO 4 (*aparece em cena. Ao público.*) – Nesta cena eu não entro, não. Sem motivo especial nenhum. É que acho que o autor não sabia o que fazer comigo! Principiante! (*Sai.*)⁴⁴

MOÇA (*anunciando*) – Desgraçado 3.

(*D3 se adianta. Vê a mulher. Quase fica louco. Senta diante da banca.*)

CAPITALISTA 1 – O senhor é feliz?

DESGRAÇADO 3 – Sou muito, não. Trabalho demais... ando cansado, desdentado. Tenho muita dor de barriga, preciso extrair as amigas. Estou ficando meio surdo, gago, torto pra lá... Mulher nua, doutor, pode falar? Só em retrato barato.

CAPITALISTA 1 – Eis aí um homem feliz.

CAPITALISTA 2 – Esse é o homem.

fazer alguma coisa! / C1 – Vamos matá-los. / C3 – Não... / C1 – Vamos soltar o cachorro... / C3 – Não... / C2 – Que tal um concurso para o homem mais feliz do país... / C1 – Besteira! (*Pausa. Pensam. Um pouco mais. Acham a ideia genial.*) / CORO – Concurso para o homem mais feliz do país! / (*Música.*) / Homem mais feliz do país. / Homem mais feliz do país! / Eis a sua oportunidade. / De passar para a eternidade. / Homem mais feliz do país. / Homem mais feliz do país. / Ganhe uma viagem aos States. / Ganhe uma viagem feliz... feliz... / Você já pode ser. Você já pode ser... / O homem mais feliz do país / (*Escurece.*) / Vozes – Não vejo nada, ô – ai, meu pé... Tira a mão daí, Teodoro. / Não sou Teodoro – Então põe a mão aí. / (*Acende. C2 canta.*) / Ei você. Você aí. / Será você fazendo pipi. / Deixe a sua marmitta aí... / Vem também concorrer aqui. / Será você do lotação. / Será você com a mão no nariz. / Ganhe uma viagem aos States... (*Repete.*) / (*Escurece.*) / FIGURANTE 1 – Puxa, eu só entro nessa história para entrar em fila. [...]

⁴⁴ Em DAT esta fala do Desgraçado 4 foi suprimida.

CAPITALISTA 3 – Coitado.

DESGRAÇADO 3 – A única coisa que me consola é que de vez em quando vou prum sitiozinho que é meu e de um cunhado meu que casou com a minha irmã em cima mesmo da hora que ela pariu na igreja. Aproveitaram – fizeram casamento e batizado.

CAPITALISTA 1 – É um infeliz.

CAPITALISTA 2 – Vai a um sitiozinho de vez em quando!

CAPITALISTA 1 – É. Tem que pegar ônibus, entrar na fila, fica esperando o domingo, quando não tem domingo fica triste, quando chove perde alpiste. Cuida de galinha... discute preço de ovo... Infeliz! (*Ele sai.*)⁴⁵

MOÇA – Desgraçado 1.

DESGRAÇADO 1 (*senta rápido*) – Eu sou muito feliz. O ano que vem vou me aposentar. O tempo todo com a minha netinha vou ficar.

CAPITALISTA 1 e CAPITALISTA 2 – Infeliz!

CAPITALISTA 1 – Vai se aposentar... ficar sem o que fazer... pensando em pornografia. Cuidando da netinha que mija na calça branca da gente. Quer comprar sorvete que dá nó nas tripas. Neto fica doente e o avô fica de cama demente. Infeliz!

DESGRAÇADO 3 (*volta*) – Eu perdi, não é?

CORO – Infeliz!

DESGRAÇADO 3 – Será que eu podia ter um prêmio de consolação?

CORO – Qual?

⁴⁵ Em DAT a pontuação da fala é diversa, criando sentido ligeiramente diferente: “C1 – E tem que pegar ônibus, entrar na fila. Fica esperando o domingo...”. E no final não aparece a rubrica “(*Ele sai.*)”.

DESGRAÇADO 3 – Podia dar uma passadinha de mão aí no traseiro da madame? (*A Moça dá-lhe um tapa.*)⁴⁶

CORO – Desavergonhado! (*D3 sai muito triste. O Coro consola a Moça passando a mão nela.*) Coitadinha... tão bonitinha. Tão educadinha. Tão tãozinha. Gordinha. Até que está magrinha. Olha aí – está gordinha... Mas por aqui vai ficando magrinha... Que vida, puxa vida!

MOÇA (*recompõe-se*)⁴⁷ – Desgraçado 2.

CAPITALISTA 1 – O senhor é feliz?

DESGRAÇADO 2 – Ahn?

CAPITALISTA 2 – O senhor tem mulher?

DESGRAÇADO 2 – Morreu. Choveu, se afogou.

CAPITALISTA 3 – Tem filhos?

DESGRAÇADO 2 – Morreram. Foram rir, a barriga estourou.

CAPITALISTA 2 – E o senhor ri do quê?

DESGRAÇADO 2 – De nada.

CAPITALISTA 3 – O senhor trabalha muito?

DESGRAÇADO 2 – Antes de nascer eu já trabalhava de pedra.

CAPITALISTA 1 – Pedra?

DESGRAÇADO 2 – É. Minha mãe era muito magra, qualquer vento ela se avoava. Pra achar, só vendo o trabalho que dava. Então eu fui nascendo pra fazer peso. Depois ela me atirava na cabeça do meu pai, toda vez que meu pai dava oito tiros nela, me atirava contra coisa que não queria abrir. Eu era pedra.

CAPITALISTA 3 – O senhor tem dores?

DESGRAÇADO 2 – Tenho. Tenho dor em todo lugar que se pode pensar. Tenho dor até no joelho do meu irmão.

CAPITALISTA 1 – Xi... o senhor tem irmão?

DESGRAÇADO 2 – Morreu sumido... Estava andando na rua, fez puff... Morreu sumido.

CAPITALISTA 3 – Qual o seu maior desejo na vida?

DESGRAÇADO 2 – É... o maior... Desses grande, né? Maior que o quê?

CAPITALISTA 1 e CAPITALISTA 2 – Feliz! O homem feliz apareceu!

(C) *quer protestar. Adere. A Moça dá-lhe um beijo. Flores em volta do pescoço. Os Capitalistas cantam o coro do homem feliz que está se defendendo das pedradas que lhe atiram os figurantes.*⁴⁸

CORO DO HOMEM FELIZ –

Não sabe ler, não quer comer,

Ri sem saber por que,

A mãe morreu, irmão sumiu,

Logo, logo vai pro belélio.

Não tem nada que lhe possam roubar,

De tão seco nem precisa mais urinar.⁴⁹

O homem feliz é sozinho:

Não ama, não chora, não pensa, não lê:

É feliz! Feliz.⁵⁰

SLIDE: O homem feliz não usava camisa... fabricava camisa.

⁴⁶ Em DAT não há esta rubrica.

⁴⁷ Em DAT não há esta rubrica.

⁴⁸ Em DAT não há esta rubrica.

⁴⁹ Em DAT: “De tão seco deixou de urinar.”

⁵⁰ Em DAT há uma repetição do último verso.

*(A luz se apaga. Os figurantes saíram. Acende logo depois. A fábrica. Os quatro Desgraçados trabalham na máquina que voltou para o palco. A banca examinadora sumiu. Silêncio. Um cartaz: "No dia seguinte". D2 ainda tem em volta do pescoço as flores que lhe deram.)*⁵¹

DESGRAÇADO 3 – Parabéns.

DESGRAÇADO 1 – Está famoso também.

DESGRAÇADO 4 – Queria eu ser o mais feliz do país.

(D2 estremece e cai duro no chão. Levanta.)

DESGRAÇADO 2 – Não foi nada. *(Cai outra vez. Os outros se reúnem em volta dele.)*

DESGRAÇADO 3 – Levanta, rapaz.

DESGRAÇADO 1 – Eia.

DESGRAÇADO 2 – Tem um frio no meu pé. Não sei qual é.

DESGRAÇADO 1 – Olha a viagem... a viagem.

DESGRAÇADO 2 – Não vou fazer viagem... Tenho medo de avião, não sei falar inglês. No trabalho não posso faltar. Ai.

DESGRAÇADO 4 – Levanta, feliz.

DESGRAÇADO 1 – Levanta, feliz.

DESGRAÇADO 3 – Levanta, feliz.

DESGRAÇADO 2 – Ai... ai... *(Ele se levanta. Todos riem. D2 ri também. Cai duro no chão. Os outros voltam a se agachar.)* Eu acho que eu vou lá pra cima, Um.

DESGRAÇADO 1 – Não diga isso, feliz.

DESGRAÇADO 2 – Eu não tenho pincel pra pintar nuvem.

DESGRAÇADO 1 – Lá São Pedro dá.

⁵¹ Em DAT não há esta rubrica.

DESGRAÇADO 2 – Eu estou triste com uma coisa... Não tenho ninguém pra contar que eu era isso daí que eu sou. Só o Zeca Maria. Mas o Zeca Maria eu não conheci. Ai. Está tudo ficando frio, frio. Me digam uma coisa. A última coisa.

DESGRAÇADO 3 – Fala, feliz, fala.

DESGRAÇADO 2 – O que é que quer dizer feliz? *(Morre. Se entreolham. D3 toca violino.)*

DESGRAÇADO 1 – Feliz quer dizer sol amarelo tostando na cara da gente. Quer dizer... *(Se entreolham.)* Feliz, morreu.

DESGRAÇADO 3 – Morreu, feliz.

(D1 acende uma vela e põe na mão de D2.)

DESGRAÇADO 2 *(ao público)* – Puxa! Ainda vão queimar minha mão? *(Morre.)*

DESGRAÇADO 4 – Assim? Assim é que se morre? Com essa cara sugada? Rindo por quê? Amassado, encarquilhado, encurvado... dormindo de pé? Assim eu vou terminar?

DESGRAÇADO 3 – E sem mulher?

DESGRAÇADO 4 – Sem ver o mar?

DESGRAÇADO 3 – Sem ver mulher.

DESGRAÇADO 4 – Sem beber cerveja, mijar na areia, xingar um guarda, comprar mamão, soltar balão, sem andar de avião? Sem acreditar, sem ninguém machucar... Sem ter raiva? Sem fazer castelo no ar?

DESGRAÇADO 3 – Sem ver americana, sem passar a mão em cubana, dormir com holandesa, sonhar com japonesa, fugir com espanhola, sem cornear francesa com inglesa?

DESGRAÇADO 4 – Morrer de gogo, com cara de bobo? *(D2 olha. Vai reclamar. Morre.)* Para de chorar, Um! Não vou chorar em

cima desse pedaço de gente amarela. Tenho vontade de gritar – Pa-ra-le-le-pí-pe-do! Di-nos-sau-ro!

DESGRAÇADO 3 – Sofia Loren!

DESGRAÇADO 4 (*cantando e falando*) – Podem disfarçar e me enganar; podem tocar tango, anular gol de Pelé, que na Índia é muito pior, que o Brasil é rico de fazer dó, que eu estou aqui porque quis, que o calor arrebenta o verniz. Podem fazer pinga da verde, da branca, da amarela. Quem nasceu pra tostão nunca chegará ao milhão e ficará mijão e pagão. Só uma coisa vocês não podem sentir!⁵² É essa dor de barriga, é essa dor no meu peito – é essa dor que eu tenho de mim! Precisamos descobrir imediatamente de onde vem essa dor, essa raiva enrugada, o macacão que não sai do meu corpo. Quem vai?

DESGRAÇADO 3 – Eu vou.

DESGRAÇADO 4 – Volte dentro de um dia e conte por que é que tudo isto acontece.

DESGRAÇADO 3 – Adeus.

DESGRAÇADO 4 – A nós! (*D3 sai. D1 e D4 carregam D2.*) Coitado. Só serviu pra gente não querer ser como ele. (*Apaga a luz. Acende rápido. O tapume girou para o lado da piscina outra vez. Os Capitalistas de short, deitados. A máquina continua em cena. D3 entra. Cansado.*)⁵³

DESGRAÇADO 3 – Eu quero saber por que é que existe lucro!

CORO – Hein?

CAPITALISTA 1 – Seu burro chucro, fique sa...

⁵² Em DAT: “[...] Só uma coisa vocês não podem esconder, porque vocês não podem sentir. [...]”

⁵³ Em DAT não há esta rubrica.

CAPITALISTA 2 (*corta*)⁵⁴ – Pois não, meu irmão. Que estado! O irmão deve estar muito cansado.

DESGRAÇADO 3 – Estou.

CAPITALISTA 2 – Coitado. Seu amigo morreu deitado, não é? (*Pisca para os outros. Começam a cantar a marcha fúnebre.*)⁵⁵

DESGRAÇADO 3 – Morreu.

CAPITALISTA 3 – Não vai poder ir aos Estados Unidos.

DESGRAÇADO 3 – É.

CAPITALISTA 2 – O senhor bem que poderia ir, hein? Cansado... descansava.

DESGRAÇADO 3 – Não quero ir. Não tenho mulher aqui, não tenho mulher lá. Como é que é o lucro, aí?

CAPITALISTA 2 – Mulher. Mas justamente... a Anitinhazinha também precisa viajar para os Estados Unidos pra aumentar o busto sem susto. Anitinhazinha... (*Entra uma mulher genial.*) O nosso amigo quer levá-la para os Estados Unidos...

ANITINHAZINHA – Ó, meu amor... Quer amor... vamos viajar encostados, morar juntos, sonhar colados, passear grudados... etecetras apertados.

(*D3 está bobificado.*)

CAPITALISTA 2⁵⁶ – Precisa uma roupa melhorzinha... uma barbeada... uma boa loçozinha. Anel no dedo... falta medo... gravata vermelha, um sapato brilhando. Boa viagem! (*Os outros Capitalistas tiraram tudo isso do baú. D3 vai saindo feito bobo.*) Ah, espere. Isto aqui é o que você queria saber. Os problemas do

⁵⁴ Em DAT não há esta rubrica.

⁵⁵ Em DAT, apenas: “C2 – Seu amigo morreu deitado, não é?”

⁵⁶ Em DAT, em vez da personagem há a rubrica “(*canção*)”.

mundo imundo. Leia para os seus companheiros. Volte quando quiser com prato, copo, colher e mulher.

(*Escurece. Acende a luz. D3 está beijando a mulher. Faz sinal para apagar. Acende de novo a luz. O tapume foi novamente encostado.*⁵⁷
D1 e D4 trabalham na máquina com maior rapidez.)

DESGRAÇADO 1 – Até que você é um bom sujeito, Quatro.

DESGRAÇADO 4 – É. Mas eu ainda não vou com a sua cara.

(*Continuam a trabalhar. D3 chega. Charuto na boca. Todo manchado de batom. A mulher do lado. A roupa nova em cima do macacão.*)

DESGRAÇADO 3 (*reclamando para o público*) – Peça besta. Nem dá tempo de trocar de roupa direito. (D1 e D4 param o trabalho.)
Olá, meus irmãos!

DESGRAÇADO 4 – Descobriu?

DESGRAÇADO 3 – Claro que descobri. (*Beija a mulher. Fuma o charuto. Tira o papel do bolso.*)⁵⁸ Irmãos. O mal que existe no mundo é o mundo girar sem parar. A terra gira, então venta, se venta você precisa de casa, então casa – casou – tem mulher – tem mulher, tem problema. Venta – você viu a perna dela, você vai – aqueloutro também foi. Com quem ficará a mulher? Com o que mais dinheiro tiver. Se você tem mais dinheiro que o outro o outro tem raiva de você – então ele inventa o revólver – você inventa o canhão. Pra avisar o seu sogro surdo você berra: inventei o canhão! Então tem guerra! Se o mundo gira, hoje é dia, daqui a pouco é de denoite – se é de denoite eu não vejo nada – e descubro o fogo, então eu me queimo e tem incêndio – então eu preciso chamar o bombeiro – então eu invento o telefone – tomo um

⁵⁷ O trecho “O tapume foi novamente encostado” não consta em DAT.

⁵⁸ Em DAT não há esta rubrica.

choque – digo um palavrão – como sempre tem linha cruzada, você pensa que é com você – diz outro palavrão – então a gente começa a falar – começou a falar, começou a mentir – pra dizer que não mentiu a gente escreve – então aparece jornal, cheque sem fundo, carta anônima, correio e selo – então você coleciona selo – então precisa de cola – e fica tudo grudento. Porque o mundo gira, faz frio e calor – se faz frio eu vou me esquentar, e quero carvão – então eu fico sujo e preciso de sabão, mas pra ir tomar banho eu preciso me fechar pra ninguém me ver nu – e a gente fica sozinho, ficou sozinho, começou a desconfiar. Então faz calor – eu preciso me refrescar – então eu peço um chope – desconfiado – o garçom me traz o chope mas não bebe chope porque é hora de trabalhar – então ele desconfia que alguma coisa não está certa – e fica com raiva de quem bebe chope e cuspe no chope. Guerra, mentira, chope cuspidado. Tudo porque o mundo gira.⁵⁹

⁵⁹ Em DAT: “D3 – Claro que descobri. Irmãos. O mal que existe no mundo é que o mundo gira sem parar. A terra gira, uma hora é dia, outra hora é de noite. Se é de dia está tudo claro, se está tudo claro, claro que não há problema; se não há problema você não vai à escola: então a escola fica vazia. Se ficou vazio, é preciso encher. Então, enche. Enche, transborda. Transborda, molha o vestido da dama. Você não joga dama. Não jogou a dama, o parceiro do lado não bate. Se o parceiro não bate, alguém sempre bate. Bate e machuca. Machuca, sai sangue. O leão não pode ver sangue. Pegam o leão e botam o bicho no circo. No circo, chama logo o palhaço. Você pensa que é com você e dá um tiro no circo. Tiro daqui, tiro dali, tiro sua carteira, tiro sua mulher, tirolês; então tem guerra. Guerra é o fino; tem banda militar, herói muito bonito, filmes coloridos, bandeira descendo, fumaça subindo, noiva encontrando noivo, hino da marinha, japonês falando gozado, carta guardada no peito, ninguém mais faz a barba, fazer tricô fica importante, se conta segredo, se esconde saudade, mocinho nunca morre; só morre inimigo do lado de lá e chato do lado de cá. Quem perde a perna é violinista, quem perde a mão é futebolista. Poeta canta com gesto. A guerra que é bom, dura pouco. Quem tem medo fala de paz, só a turma de Hollywood não tem medo e a guerra acabou. Bomba acaba. Domingo tem festa, segunda-feira é trabalho, terça-feira é serão, quarta-feira é novela.

DESGRAÇADO 4 – Muito bem, Três.

DESGRAÇADO 1 – Muito bem.

DESGRAÇADO 4 – E o que é preciso fazer?⁶⁰

DESGRAÇADO 3 – O mundo tem que parar de girar.

DESGRAÇADO 4 – Ah, bom.

DESGRAÇADO 1 – Parar bem ele, não é?

DESGRAÇADO 3 – Minha missão está cumprida. Adeus, irmãos.

DESGRAÇADO 4 – Você não vai trabalhar?

DESGRAÇADO 3 – Não posso. (*Aponta a mulher.*) Minha maninha está doentinha. Preciso cuidar muito dela, senão esfarela. (*Sai com a mulher.*)

DESGRAÇADO 4 (*olha para o chão*) – Para de rodar! Para de rodar! Não adianta, Um. Ninguém pode fazer o mundo parar... Ninguém não pode... Vou morrer sem saber. Vou acabar sem mudar. Vou sumir sem descobrir. (*Sai feito um alucinado.*)

DESGRAÇADO 1 – Tenha confiança no altíssimo! Um dia há de parar! Para aí. Para aí... (*Olhando o céu.*) Isto de parar o mundo é só mesmo com o senhor, doutor.⁶¹ (*Leva a máquina para dentro do bastidor. Dá aparece no palco. Triste. Atrás dele aparece um sujeito. Cobrador. Uma banqueta e um cartaz do lado: "taxa de suicídio 1.º andar ao 5.º – Cr\$ 50,00; 5.º ao 10.º andar – Cr\$ 100,00; 10.º ao 15.º andar – Cr\$ 500,00; 16.º ao 20.º andar – Cr\$ 1.000,00 – Gorjeta inclusa". A fila dos figurantes se forma e vai indo. Pagando e saindo voltam outra vez. O movimento é permanente.*)

DESGRAÇADO 4 –

Novela vai pro ar, o ar é viciado, viciado joga no bicho, dá o galo, o galo canta, é de noite. Boa noite. Falta de escola, jogo de bicho, tricô, falta de guerra... tudo porque o mundo gira.

⁶⁰ Em DAT esta fala de Desgraçado 4 foi suprimida.

⁶¹ Em DAT há ainda o seguinte trecho: "VOZ – Não dá pé".

Já que não há o que fazer
se não há onde trabalhar
se meu braço tem de parar
o melhor, mais bonito é morrer.

Fotografia no jornal

isso é que é!

Discussão no Congresso Nacional

sensacional!

Muita gente morre, é anormal.

Será que a vida faz mal?

O melhor, o mais bonito, é morrer...

Dou trabalho pro vigário,

pro agente funerário.

Dou trabalho pro cozeiro.

Dou trabalho pro carpideiro.

Fotografia no jornal

isso é que é!

(*Entra na fila atrás de uma moça grávida. Atrás dele um sujeito e uma mulher*)⁶²

MOÇA⁶³ (*chora*) – Ele disse que não tinha nenhum perigo... Que não precisava ter vergonha que criança nasce mesmo com a cegonha... Que só ia dar um beijinho no meu cangote cheiroso. Quero um andar que seja bem seguro.

⁶² Em DAT a canção do Desgraçado 4 e a rubrica foram suprimidas.

⁶³ Moça está identificada na lista de personagens da versão PUB como Ingênuia Suicida.

COBRADOR⁶⁴ – Nunca é muito seguro, seguro, no duro senhora. Às vezes um sujeito, sem peito, desfeito, pula bem bonito – lá de cima... Chega no chão. Fraquinho – ainda sobra um punhadinho – e o cara sai vivinho! Acontece. Do 25º andar, porém até agora não reclamou ninguém.

MOÇA – Mas eu só posso pagar do 5º...

COBRADOR – Como a senhora quiser. Nós não podemos fazer por menos com esta morte pela hora da vida como está.⁶⁵ (*Dá o talão.*) Boa sorte, madame. Terceira janela da esquerda pra direita. (*Moça sai.*)

DESGRAÇADO 4 – Eu só tenho vinte cruzeiros.

COBRADOR – Vinte e pulo bem... Pra assustar a família. Se quiser...

DESGRAÇADO 4 – Não.

COBRADOR – Sinto muito mas não há outro jeito... o senhor tem que continuar vivendo.

(*Dá sai abatido.*)

SUJEITO – 13º andar, por favor. Uma janelinha que não bata muito sol.⁶⁶

(*Cobrador dá o talão. Sujeito abraça a mulher.*)

MULHER – Cuide-se, hein, Pancrácio Acácio.⁶⁷

⁶⁴ Cobrador está identificado na lista de personagens da versão PUB como Vendedor de Suicídios.

⁶⁵ Em DAT: “[...] com esta vida pela hora da morte como está. [...]”.

⁶⁶ Em DAT as falas do Cobrador, do Sujeito e a rubrica entre elas estão como fala única, atribuída ao Sujeito: “SUJEITO – Sinto muito mas não há outro jeito... o senhor tem que continuar vivendo. (*Dá sai abatido.*) Uma janelinha que não bata muito sol”.

⁶⁷ Em DAT: “MULHER – Cuidado, hein, Pancrácio Acácio”.

SUJEITO – Não se esqueça de ir buscar o seguro, Pancrácio Acácio.⁶⁸

MULHER – Se agasalhe bem, Pancrácio Acácio.

(*A fila acaba. Só o Cobrador fica sentado no fundo. De vez em quando faz um anúncio.*)

COBRADOR – Aproveite agora – liquidação total pra demolição do prédio! Olha a janela aberta para o céu!

(*Dá fica na frente. Na rua. Muito triste. Aparece um sujeito. Avental de barbeiro e navalha na mão. Ri muito. Olha o Desgraçado 4 e ri mais ainda.*)⁶⁹

BARBEIRO 1 – Você é pobre? (*Dá faz que sim. Ele ri mais ainda.*)

Já nem usa cueca? (*Dá faz que sim. Ele ri mais.*) Eu vou ficar rico.

Rico da Silva! Sabe quanto me custa fazer uma barba? Cincão.

Sabe quanto eu cobro? Dezão. (*Ri. Barbeiro 2 entra. Com uma*

barba enorme, amarrada no ouvido. A barba sai inteira. Senta.

Barbeiro faz a barba cantando.)

Fígaro lá dinheiro aqui.

Dinheiro no bolso, sorriso na cara.

Fígaro lá, de qualidade! (*Termina a barba.*)

Dezão!

BARBEIRO 2 – Isso é um assalto! (*Barbeiro 1 começa a amarrar a barba outra vez na cara do Barbeiro 2.*) Não... eu pago. (*Paga. Barbeiro 1 sai rindo. Ao Desgraçado.*)

BARBEIRO 1 – Já ganhei cincão. Você é pobre? Você é burro. (*Sai.*

O Barbeiro 2 começa a rir. Olha o Desgraçado. Ri mais ainda.)

⁶⁸ Em DAT: “SUJEITO – Não se esqueça de ir buscar o seguro funerário...”.

⁶⁹ Em DAT a rubrica é mais sucinta: “(*Dá fica na frente. Na rua. Muito triste.*)”.

BARBEIRO 2 – Você é pobre? (*Dá faz que sim.*) Peru só viu no cinema? (*Dá idem.*) Eu vou ficar rico! Rico de Souza! Sabe quanto me custa fazer uma barba? Cincão. Sabe quanto eu cobro? Dezão. (*Ri. Barbeiro 1 entra com a mesma barba enorme. Senta. Barbeiro 2 faz a barba e canta a mesma canção. A barba é feita com uma navalha enorme. Termina.*) Dezão!

BARBEIRO 1 – Isso é um assalto! (*Barbeiro 2 começa a colocar a barba na cara do Barbeiro 1 de novo.*) Não... eu pago! (*Paga. Barbeiro 2 sai rindo do Desgraçado.*)

BARBEIRO 2 – Já ganhei cincão hoje... Você ganhou mais amarelão! (*Barbeiro 1 ri de novo. Barbeiro 2 volta com a barba. O mesmo processo. Vai se tornando cada vez mais rápido. Já nem saem de cena. Nem fazem mais comentários. Levantam. Trocam a barba. Cantam. Cada vez mais rápido. Levantam, riem do Desgraçado, cantam, tiram a barba, pagam. Terminam só resmungando tudo numa velocidade incrível. Termina*) Dezão! (*Barbeiro 1 faz a barba.*)

BARBEIRO 1 – Dezão! (*Barbeiro 2 faz a barba.*)

BARBEIRO 2 – Dezão! (*Barbeiro 1 faz a barba.*)

BARBEIRO 1 – Dezão! (*Barbeiro 1 põe a barba. Barbeiro 2 faz.*)

BARBEIRO 2 – Dezão! (*Cansados. Os dois olham o Desgraçado e morrem de rir. Barbeiro 2 tem a barba na cara.*)

CORO – Você pega maleita e a gente conta a receita! (*Cansados.*)

BARBEIRO 2 – Dezão... mais, mais... só dezão! Mais nenhum tostão!

BARBEIRO 1 – Eu não tenho um tostão e trabalhei como leão!

BARBEIRO 2 – Eu tenho dezão, mas preciso fazer a barba, dona Bárbara! (*Os dois olham o Desgraçado.*)

CORO – Você é o ladrão.

DESGRAÇADO 4 – Não.

CORO – Devolve o dezão!

DESGRAÇADO 4 – Não. (*Começam a brigar. Tira a barba. Põe barba.*)

CORO – Quem faz a barba sou eu! Quem faz a barba sou eu! Você é quem está barbudo! Ora, vê-se bem que o barbudo é você! (*Cansados. Cantam.*)

Somos pobres, pobres, pobres,

Nossa vida tem dodói.

Vamos todos nos matar

E ver se no céu não dói.⁷⁰

⁷⁰ Em DAT, toda a cena dos Barbeiros é diferente. Logo após a última fala do Cobrador e da rubrica sobre Desgraçado 4: "CORO – Palhaço, palhaço. / Palhaço, ladrão de mulher. / Sempre rindo quando não quer. / Roubando nossas morenas / Pintado de ser feliz. / Venha já pr'a arena / Para mostrar como é infeliz. / (Dois barbeiros entram. Riem vendo Dá). / OS DOIS – Somos barbeiros de muita qualidade. / Fígaro eu, fígaro nós. / Trabalhamos pr'a cachorro sem parar. / Pr'a vida ganhar e ir rebolar. / E não no fim não teremos socorro. / BARBEIRO 1 – Você é muito pobre / Mas também é muito burro, / Nem tem o que se roube / E da vida leva murro. / Eu vou ficar cheio de cobre. / Vou mostrar como se faz, / Az, az, az, az. / Para que o dinheiro dobre. / Uma barba me custa cincão / Papai cobra dezão. / E não anda com remendão. / Só viaja de lotação. / (O Barbeiro 2 se senta com uma enorme barba.) / Fígaro lá, dinheiro aqui, / dinheiro no bolso, sorriso na cara. / Fígaro lá, dinheiro aqui / Dinheiro no bolso, sorriso na cara / Dezão. / (O Barbeiro 2 paga.) / Eu já ganhei meu cincão / Você entrou pela tubulação. / Eu já ganhei meu cincão, / Você entrou pela tubulação. / (Barbeiro 1 dá uma volta pela arena. Põe a barba.) / BARBEIRO 2 – Você é proletário / Mas também é bem cretino. / Em casa não tem aquário, / Trabalha de sol a pino. / Eu vou ficar rei monetário, / Vou mostrar como se faz; / Az, az, az, az. / Para aumentar o erário. / Uma barba me custa cincão, / Papai cobra dezão. / Não mora em barracão, / Nem anda de caminhão. / (Barbeador 1 senta. Enorme barba.) / Fígaro lá, dinheiro aqui, / Dinheiro no bolso, sorriso na cara. / Dezão. / (Barbeiro 1 paga.) / Já ganhei meu cincão, / Você entrou pela tubulação. / Já ganhei meu cincão. / Você entrou pela tubulação. / (Barbeiro 2 dá uma volta menor.) / BARBEIRO 1 – Paspalhão. / Vou ganhar mais cincão. / (Barbeiro 2 se senta.) / Fígaro lá, dinheiro aqui, / dinheiro no bolso, sorriso na cara. / Dezão. / (O processo agora se torna mais rápido.) / BARBEIRO 2 – Dezão! / BARBEIRO 1 –

*(Uma fila se formou outra vez diante do Cobrador. Eles vão para a fila chorando. Desgraçado 4 começou a rir.)*⁷¹

DESGRAÇADO 4 – Vocês são pobres? Vocês são burros!

CORO – Está rindo! É ele o ladrão! Quem ri neste mundo é bobo, está dormindo, se enganou, é criança, rico ou ladrão, pão, pão!

DESGRAÇADO 4 – Estou rindo porque descobri uma coisa sozinho da Silva aqui na minha cabeça. Sujo, rasgado, sem cueca, sem ver peru, descobri uma coisa.⁷² No começo dessa peça sem graça de desgraça, um homem muito rico, de muito bom bico, disse que ele tinha lucro porque vendia um pouco mais caro o que ele fazia trabalhando como burro chucro! E era mentira. E é mentira. Ele mentiu e fingiu e fugiu. Se ele vendesse um pouquinho mais caro do que é, comprava dos outros um pouquinho mais caro do que é – e tudo acontecia sempre como aconteceu com vocês –

Dezão! / BARBEIRO 2 – Dezão! / BARBEIRO 1 – Dezão! / BARBEIRO 2 – Dezão! / *(Barbeiro 2 tem a barba na cara. Riem do Desgraçado.)* / OS DOIS – Você pega maleta e a gente conta a receita! Você pega maleta e a gente conta a receita! / BARBEIRO 1 – Tesoura, navalha, toalha, / Mais pano, mais pano, / Entrei pelo cano. / BARBEIRO 2 – Eu tenho dezão. / Mais tesoura, navalha, toalha, / Mais pano, mais pano, / Também entrei pelo cano. / Tenho dezão / Mas preciso fazer a barba. / Vou ficar sem tostão. / CORO – Entramos pelo cano. Ambos. / Conjuntamente juntos. / Todos dois de uma vez só. / Trabalhamos pr'a cachorro. / Não há dinheiro nem para um gorro / Alguém nesse teatro é ladrão. / É você pobretão. / D4 – Não. / CORO – Devolve o dezão. / D4 – Não. / CORO – É você pobretão. / D4 – Não / CORO – Devolve o dezão. / D4 – Não. / CORO *(começam a brigar. Tira a barba, põe a barba.)* – Quem faz a barba sou eu. Quem faz a barba sou eu. Vê-se bem que o barbudo é você. O barbudo é você. O barbudo é Fidel. / Somos pobres, pobres, pobres, / Nossa vida tem dodói. / Vamos todos nos matar / E ver se no céu não dói”.

⁷¹ Em DAT esta rubrica é ligeiramente diferente: “*(Uma fila se formou outra vez. Os barbeiros entram nela chorando. D4 começou a rir.)*”.

⁷² Em DAT: “[...] Sujo, rasgado, levando murro, com sol a pino, descobri uma coisa. [...]”.

ganhava vendendo, perdia comprando, ganhava vendendo, perdia comprando, ganhava vendendo...

*(Barbeiro 1 dá-lhe um tapa nas costas.)*⁷³

BARBEIRO 1 – Enguiçou.

DESGRAÇADO 4 – Obrigado. Mas tem gente que ganha e não perde e tem cueca, peru, não come angu e não tem vontade de descobrir! Eu vou descobrir mais só com a minha cabeça, meus olhos, minha vidinha amarela... Eu descobri, bibi! A gente pode descobrir as coisas atrás do jeitão mentiroso que elas têm, belém, bem, bem.

CORO *(compadecidos)* – Olha, nós damos o nosso dezão... O senhor arranja um andar baixinho mesmo... e arrisca!

DESGRAÇADO 4 – Eu não estou louco... só fiquei rouco! Eu não quero me matar – eu descobri! Quem descobre não morre! Vocês me salvaram... eu volto pra salvar vocês. Vou descobrir onde está o lucro. Não é quem trabalha quem tem lucro! Não é quem trabalha quem tem lucro! *(Sai correndo. Os Barbeiros se entreolham. Não entendem. Começam de novo o mesmo processo. Faz a barba, dezão. Faz a barba, dezão. A fila se desfaz. Cantam.)*

CORO –

Não é hora de morrer

Agora é hora de querer.

Não é hora de chorar!

Todos nós vamos pensar.

Não é hora de gritar.

Chegou a hora de lutar.

⁷³ Em DAT não há esta rubrica.

(*Todos saem. Os Barbeiros ainda não entendem. Saem fazendo a barba.*)

COBRADOR (*sozinho*) – Aquele desgraçado estragou meu negócio...

Logo agora que preciso pagar o aluguel de casa, o quinto filho vem aí, ia botar dentadura... Ah mundo, mundo! Como tão pouca gente quer se matar... (*Escurece.*)

SLIDE: O trabalho enobrece o nobre.

VOZ DO DESGRAÇADO 4 – Ou eu acabo com o lucro, ou o lucro acaba comigo! Eu não quero usar dinheiro mais. Alguma coisa me diz aqui dentro que é por causa dele que eu tenho um buraco nos fundilhos, um buraco na cabeça, um buraco no estômago, não posso jogar buraco, tem buraco na rua, a vida é um buraco – mas eu posso viver sem dinheiro? Mesmo que eu queira? Eu preciso descobrir... Será que eu posso não usar dinheiro sem ser galinha e morar em galinheiro?⁷⁴ O que sucederá agora? Serei feliz? Descobrirei ou não de onde vem o lucro? (*Baixo.*) Pronto. Já pode acender a luz.

VOZ (*baixo*) – Falta a música.

DESGRAÇADO 4 (*baixo*) – Ah, é. (*Canta música de suspense.*) Pronto. (*Acende a luz. Um sujeito. Cartaz: “vendedor de automóveis”. Um desenho do último tipo de automóvel. Letreiro: “Velostec”. Outros desenhos. Aparte.*) Preciso fazer uma experiência... só experimentando o doce de leite é que a gente pode dizer se é doce de leite ou cocô de criança... (*Ao Vendedor.*) Quero comprar um automóvel.

VENDEDOR (*estranha as roupas dele. Ao público.*) – É um rico excêntrico!

VENDEDOR (*canta*) –

Cavalheiro com prazer,

O senhor pode escolher.

Este é bom pra correr,

E é o melhor pra pegar mulher.

DESGRAÇADO 4 – Quero o mais veloz.

VENDEDOR – O mais velozzzz? Velostec! Velostec nunca parte – sempre – já chegou! Zummm... já chegou! Vou pra Santos agora, dona Cora... zuummmm... já voltou!

DESGRAÇADO 4 – Quero um Velostec.

VENDEDOR – É claro que já chegou!

(*Dá tira uma cartinha do bolso. Pisca para o público.*)

DESGRAÇADO 4 – Pronto.

VENDEDOR – O senhor está pronto?

DESGRAÇADO 4 – Não estou pronto. Está pago.

VENDEDOR (*senta no chão de rir*) – O cavalheiro é muito engraçado. Velostec é muito rápido, mas o senhor é muito engraçado!

(*Dá já pegou o cartaz do Velostec. Vai indo embora.*)

DESGRAÇADO 4 – Muito obrigado! (*Pisca para o público.*)

VENDEDOR – Ei.

DESGRAÇADO 4 – Quanto vale o Velostec?

VENDEDOR – Dois milhões de cruzeiros...

DESGRAÇADO 4 – Então... fique com o troco. (*Vendedor morre de rir outra vez.*) Quer fazer o favor de ler esta carta. (*Vendedor lê. Dá faz música de fundo. Vovozinha aparece no fundo do palco. Como um fantasma.*)

VOVÓ – Querido netinho. Minhas últimas palavras antes de ir embora com São Pedro. Diga à dona Augusta que o chá de laranjeira

⁷⁴ Em DAT o trecho “Mesmo que eu queira? [...] morar em galinheiro?” foi suprimido.

não deu resultado nenhum porque eu morri, que no penúltimo capítulo da novela o Claudionor enganou o padrasto da Dorotéia Balão e ficou dormindo com ela no galpão. Dê carne picadinha pra Bolinha – não diga pra cadelinha que eu morri – diga que eu fui ali e logo estou de volta com uma tola. Peçam ao seu Manoel, do quartel, carregar a alça do caixão que fica do lado do meu coração. Digam a dona Manuela que, se eu puder, venho puxar as pelancas dela. Muito juízo. P. S. – Quero ser enterrada de dentadura. Vovó.

VENDEDOR (*rindo*) – O senhor me mata. O senhor me mata. Agora, por favor, pode pagar.

DESGRAÇADO 4 – Estou pagando com isso, meu amigo. Isto vale muito mais do que dois milhões. É da Vovó. É sério. (*Pisca para o público.*)

VENDEDOR – É sério?

DESGRAÇADO 4 – É sério.

VENDEDOR – Muito sério?

DESGRAÇADO 4 – Muito sério.

VENDEDOR – Mais sério do que eu estou?

DESGRAÇADO 4 – Mais sério do que eu estou. O Velostec não é dois milhões?

VENDEDOR – É.

DESGRAÇADO 4 (*ao público*) – Agora ele vai começar a explicar. A carta da Vovó vale mais do que isso.

VENDEDOR – Pra você que bebe, fuma maconha e atrapalha a vida de quem quer viver.

DESGRAÇADO 4 – Vale dois milhões pra todo mundo.

VENDEDOR – Pra todo mundo que bebe, fuma maconha, faz curra como você.

DESGRAÇADO 4 – Vale mais do que dinheiro que anda na mão de todo mundo, sujo, com gente barbuda e mentirosa na capa!

VENDEDOR – Ô, maconheiro... tem valor que não enche barriga... tem valor que enche barriga... É de barriga cheia que se vive, maconheiro.

DESGRAÇADO 4 – Não. Só existe um valor na vida.

VENDEDOR – Ah, é? E quanto é que você paga pelo ar que respira?

DESGRAÇADO 4 – Nada.

VENDEDOR – Mas pelo Velostec, se quiser sempre ir já chegando, precisa pagar. O ar você usa e não paga... o Velostec, pra usar – tem que pagar. Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

DESGRAÇADO 4 – Por queiro então que eu não pago o ar? Se eu não respiro eu morro. Se eu não tiver Velostec eu não subo um morro, mas não morro.⁷⁵

VENDEDOR – Morre também. Porque você é tão burro que o Velostec te passa por cima!

DESGRAÇADO 4 (*ao público*) – Minhas investigações sobre o dinheiro e o lucro vão indo muito bem. Vou me fazer de bobo outra vez. (*Ao vendedor.*) Mau.

VENDEDOR – Vem cá, meu filho. Desculpe. Você não fuma maconha, não. Mas, procura perceber... essa carta da Vovó, você usa pro seu coração mingau, mas não compra. Tem coisas que a gente usa, tem coisas que a gente compra. E comprar é com dinheiro, talento e formosura.

DESGRAÇADO 4 – Mas o que eu compro eu uso e abuso.

VENDEDOR – Eu sei, eu sei. Mas às vezes o que você usa... você não compra. Essa cartinha você usa e não comprou ela. Sua mão

⁷⁵ Em DAT e em PUB o início desta fala está grafado com “Por queiro”. Pode ser um erro de digitação para “Por que” ou uma piada com a sonoridade.

— você usa e você não compra. A praia a gente usa e não compra. O sol... A mãe a gente usa e não compra.

DESGRAÇADO 4 – Mamãe.

VENDEDOR – Muito prazer. João Melão às suas ordens. (*Explode.*) Agora vai embora que eu quero trabalhar!

DESGRAÇADO 4 – Muito prazer. Quatro às suas ordens. (*Vai saindo. Volta.*) Seu Melão...⁷⁶ ar a gente compra. Ar refrigerado.

VENDEDOR – A gente compra o que dá trabalho pra fazer.

DESGRAÇADO 4 – Que engano, seu Melão. Aprender a nadar dá trabalho e a gente não compra. Respirar dá trabalho e a gente não compra.

VENDEDOR – Seu Reinaldo.

DESGRAÇADO 4 – Quatro.

VENDEDOR – Seu Reinaldo. Seu Reinaldo! A gente não compra porque dá trabalho só pra nós e só serve pra nós. Ninguém trabalha pra fazer o ar... só Deus... Agora, se Deus não cobra pelo ar que ele faz é problema dele, seu Reinaldo. Agora, seu Reinaldo, se você quiser deixar de ter trabalho pra respirar – você morre, seu Reinaldo.

DESGRAÇADO 4 – Quatro.

VENDEDOR – Seu Reinaldo. Até logo.

DESGRAÇADO 4 – Até logo. (*Volta.*) Morrer dá trabalho.

VENDEDOR (*tira um revólver do bolso*) – Dá trabalho! Dá muito trabalho! Quer ver? Dá um trabalho imenso. Precisa de um revólver assim. Precisa coragem, assim. Precisa ter muita raiva, assim. Precisa apertar o gatilho assim. (*Puxa o gatilho.*) Agora já não dá mais trabalho nenhum, nada, seu Reinaldo. Agora... eu já morri.

⁷⁶ Em DAT: “Meu melão...”.

DESGRAÇADO 4 – Quatro.

VENDEDOR – Seu Reinaldo. (*Morre.*)

DESGRAÇADO 4 (*tira uma cadernetinha do bolso*) – Minhas investigações sobre o lucro caminharam muito bem até aqui, sim senhor. Até agora eu descobri o seguinte... espera aí. (*Sacode o Vendedor.*) Como é que é o negócio da mãe?

VENDEDOR – Mãe a gente usa e não compra. (*Morre de novo.*)

DESGRAÇADO 4 – O dinheiro então existe porque existem coisas que a gente compra. Mercadorias... Todas as mercadorias servem para alguma coisa, mas nem tudo que existe é mercadoria. O ar serve para alguma coisa e não é mercadoria. Então as coisas viraram mercadoria? Não eram assim? E são mercadorias porque a gente faz as coisas pra vender e não pra usar!

(*O Vendedor se levanta e beija D4.*)

VENDEDOR – Parabéns, parabéns, seu Reinaldo. Parabéns. (*Morre.*)

DESGRAÇADO 4 – Muito obrigado. O senhor ajudou muito. Quanta coisa tem escondida atrás do que a gente vê! Tem trabalho, tem gente, tem um mundo todo. E a gente só vê vender e comprar... O que será que determina o valor da mercadoria? Como é que a gente mede o valor da mercadoria? (*Sai. Dois sujeitos aparecem e arrastam o Vendedor.*)

PRIMEIRO⁷⁷ – Quanto morto pela rua!

SEGUNDO – Atrapalhando o trânsito.

PRIMEIRO – Vou levar ele pra casa e fazer um abajur.

(*Um Sujeito Circunspecto aparece no palco. D4 continua rodando no palco. Ele olha com desprezo para D4. Dirige-se ao público. Fúnebre.*)

⁷⁷ Em PUB o nome das personagens são primeiro e segundo Vendedor.

SUJEITO – Com licença. Como a peça, escrita por um principiante, tem explicação que não acaba nunca e muito pouco riso, eu fui encarregado pela companhia de fazer alguma graça aos senhores para levantar o ânimo do público. (*Dá três pulinhos com a cara mais séria do mundo.*) Muito obrigado. (*Quando vai saindo D4 continua a rodar.*) Vejam se isso tem graça! Principiante! (*Sai. Diversos velhinhos, com becas e toga, entram. Caindo aos pedaços dois vêm com enfermeiras. Tomam remédio a todo instante. Bancos onde se sentam. Um cartaz que é colocado na frente: “Congresso dos Sábios Economistas – valor das mercadorias e preço” – D4 para de rodar. Lê o cartaz e entra para assistir. Entre os congressistas só um é moço. Velho 1, bem velho, bate uma sineta. Todos acordam.*)⁷⁸

VELHARADA⁷⁹ – O que foi? O que foi? É a guerra? Tá na hora da missa? Almoço outra vez? (*Reparam que foi o Velho 1 quem sacudiu a sineta. Silêncio. O Velho 1 com a sinetada deixou que seu chapéu caísse até a altura dos olhos. Cego agora.*)

VELHO 1 – Acendam a luz... Acendam a luz... (*A enfermeira arruma o chapéu.*) Muito obrigado, Anitinhinhazinhazinha... Está aberta mais uma sessão do Quinquagésimo Terceiro Congresso dos Econo... Descanso de cinco minutos.

VELHARADA – Apoiado. (*Descansam. Tomam remédio. Nova sinetada.*)

VELHO 1 (*continua*) – ...mistas do Mundo! (*Toma um remédio.*) Que gosto ruim, Anitinhinhazinhazinha. O tema do Congresso: “O que determina o valor de uma mercadoria?”. Quem quer usar a palavra?

VELHO 2 – V. Ex^a. me permite um aparte?

VELHO 3 (*surdo*) – Em Marte? Em Marte ou na Terra?

VELHO 4 – Guerra? Estourou a guerra?

VELHO 1 – Silêncio. V. Ex^a. tem o aparte.

VELHO 2 – Usar a palavra pra quê, V. Ex^a?

VELHO 1 – Cinco minutos de descanso. (*A velharada toma remédio.*)... Pra falar.

VELHO 3 – Me calar. Eu invoco o nome da liberdade!

VELHO 2 – Então eu quero falar.

VELHO 4 – Eu quero mijar primeiro.

VELHO 3 – Só em janeiro a liberdade?

VELHO 1 – Fala quem primeiro pediu.

VELHO 2 – Obrigado, V. Ex^a. presidente da mesa do ilustre Congresso, V. Exas. colegas do Congresso – meus senhores, minhas senhoras... O preço ou valor das mercadorias é determinado pela qualidade do produto... (*Morre.*)

VELHO 1 – Continue, V. Ex^a.

ENFERMEIRA – Ele morreu, V. Ex^a.

VELHO 4 – Eu proponho um minuto de silêncio.

VELHO 3 (*no meio do silêncio*) – Ué... acabou o Congresso? (*Toma uma cutucada da Enfermeira.*) Não cutuca, Joaninhazinhazinha.

VELHO 4 – Eu peço licença.

VELHO 1 – Pode falar, colega.

VELHO 4 – Não. Eu quero ir na casinha. (*Sai. Silêncio.*)

MOÇO⁸⁰ – Eu quero falar. (*Gago.*)

VELHO 1 – Vamos esperar o colega urinar.

⁷⁸ Em DAT, a fala do Sujeito e a rubrica foram suprimidas.

⁷⁹ Todos os Velhos estão identificados na lista de personagens da versão PUB como Economistas.

⁸⁰ Moço está identificado na lista de personagens da versão PUB como Gago.

- VELHO 4 (*voltando*) – Não mijei. Está ocupado.
- VELHO 3 – Tarado?
- VELHO 4 – O valor das mercadorias não é determinado pela qualidade do produto como afirmava o extinto economista João Galagão.
- VELHO 3 – O Galagão morreu? Proponho um minuto de silêncio.
- VELHO 4 – O que determina o preço das mercadorias... posso afirmar depois de aprofundados estudos históricos, sociais, econômicos... é a etiqueta! Aquele pequeno papelzinho que fica sobre as mercadorias nas vitrines... Aquele numerinho escrito é o valor, que aliás a gente nem consegue ler...
- VELHARADA – Apoiado.
- VELHO 3 – Proponho que se aumente o numerinho.
- VELHARADA – Apoiado.
- VELHO 3 (*inflamado*) – Quero propor também... (*Morre.*)
- VELHO 1 – Mais um minuto de silêncio... (*Minuto de silêncio.*)
- VELHO 4 – Vou ver se desocupou... (*Vai e volta abanando a cabeça.*)
O que prova que é a etiqueta que determina o valor é que se a gente paga menos do que está escrito no papelzinho a gente vai em cana direitinho... e se a gente pagar mais... eles não falam nada e ficam rindo nas nossas costas. (*Aplausos.*)
- VELHO 1 – Vamos votar.
- MOÇO – Eu que... quero fa... fa... fa... lar.
- VELHO 1 – Fa... fa... fale.
- MOÇO – O Va... va...
- VELHO 1 – Vagabundo?
- MOÇO (*concorda*) – Vagabundo. (*Acorda.*) Não. O va... valor das mercadorias...
- VELHO 1 – Gaguejou... seu tempo acabou. Vamos votar.

- MOÇO – Protesto.
- VELHO 1 – Descanso. (*Todos descansam. Tomam remédio. Entra um padre e faz a extrema-unção dos mortos. O Moço fala e ninguém ouve.*)
- MOÇO – O va... valor das mer... merca... dorias é deter... determinado pelo tem... tempo de trabalho que se con... consome na sua fa... fabricação! Vão ouvir ou não vão?
- VELHO 4 – É. Coitado do Galagão.
- MOÇO – Se o tem... tempo de trabalho gas... gasto na pro... produção de um par de sa... sapato é de duas horas e o tem... po gasto na produção de um qui... quilo de trigo é de u... uma hora... Um par de sapatos vale dois quilos de trigo.
- VELHO 1 – Xi, seu Gaguinho. Se fosse assim eu fazia minha fábrica trabalhar bem devagarinho... aí eu ficava mais rico.
- MOÇO – O tem... tempo de trabalho so... socialmente necessário... (*O Sujeito Circunspecto entra e dá três pulinhos.*)
- SUJEITO (*saindo*) – Principiante.
- MOÇO – Tempo de trabalho em que é possível pro... produzir de... determinada mer... mercadoria de acordo com a evolução da técnica e da ciência... Se na so... sociedade se demora duas horas pa... para fazer um par de sapato e o seu Manuel, sapateiro, só com o mar... martelinho e a pa... paciência le... leva 20 horas para fa... fazer um par de sa... sapato. O sa... sapato que ele fez, na hora de vender, vale só duas ho... ras como to... todos os outros.
- VELHO 1 – Esse congresso não acaba mais?
- MOÇO (*deixando de gaguejar*) – E tudo isso porque as coisas se trocam. Se se trocam têm dono. Tendo dono, outros não são donos e vendem a sua força de trabalho que é só o que milhões

de operários possuem... A força de trabalho virou mercadoria. E apareceu a mais-valia. O Lucro é a mais-valia... a exploração...

VELHO 4 – É congresso, é peça ou é comício?⁸¹

⁸¹ Em DAT a cena desde a chegada do Moço no Congresso até aqui está diferente. O diálogo entre o Moço e o Velho assume a forma versificada de desafio popular: “MOÇO – Eu quero falar. (*Gago.*) / VELHO 1 – Vamos esperar o colega urinar. / VELHO 4 (*voltando*) – Não mije. Está ocupado. / VELHO 3 – Tarado? / VELHO 4 – O valor das mercadorias não é determinado pela qualidade do produto como afirmava o extinto economista João Galagão. / VELHO 3 – O Galagão morreu? Proponho um minuto de silêncio. / VELHO 4 – O que determina o preço das mercadorias... posso afirmar depois de aprofundados estudos históricos, sociais, econômicos... é a etiqueta! Aquele pequeno papelzinho que fica sobre as mercadorias nas vitrines... Aquele numerinho escrito é o valor, que aliás a gente nem consegue ler... / VELHARADA – Apoiado. / VELHO 3 – Proponho que se aumente o numerinho. / VELHARADA – Apoiado. / VELHO 3 (*inflamado*) – Quero propor também... (*Morre.*) / VELHO 1 – Mais um minuto de silêncio... (*Minuto de silêncio.*) / MOÇO – Eu quero cantar. / VELHO 1 – Cante / MOÇO – O valor que a mercadoria tem... / VELHO 1 – Gén. Desafinou. Seu tempo acabou. Vamos votar. / MOÇO – Protesto. / VELHO 1 – Descanso. / MOÇO – O valor que a mercadoria tem / É somente o trabalho que ela contém, / O tempo de trabalho que com ela vem... / Vão ouvir ou não vão? / VELHO – É, coitado do Galagão! / MOÇO – Se se gasta mil horas fazendo um iate / e somente uma hora num alicate, / O iate bacana, a vapor ou não, / Que só tem serventia prum gostosão, / Ele vale mil vezes o alicate. / VELHO – Se o tempo de trabalho fosse o valor. / Eu ficava mais rico, sem ter mais dor. / Era só trabalhar bem devagarinho, / minha fábrica andando bem de mansinho. / Ia prá casa cuidar do meu canarinho. / MOÇO – Velho, não seja burro, não seja otário, / quando eu falo do tempo de trabalho / é o socialmente necessário: / trabalhando com a prensa, esquecendo o malho, / e tirando o pulmão do operário. / VELHO – Quando a gente discute economia / não se pode contar com pneumonia: / se alguém neste mundo passa frio / tem que usar cobertor sem pensar em Valia. / Acabei de ganhar o desafio! / MOÇO – Uma máquina andando bem ligeiro / faz sapato em três horas bem verdadeiro, / e o Manuel da esquina que é sapateiro / faz um par de sapato num ano inteiro / que só vale três horas e num deu dinheiro. / Sem trabalhar ele deixa de ser artesão, / vai virar operário, catar tostão, / vai morar escondido em barracão. / Minha economia tem coração, / Você não ganhou o desafio, não. / VELHO – É congresso de economia, ou concurso prá ver quem melhor mia? / MOÇO – E tudo isso porque as coisas se trocam num mercado. Se se trocam têm

VELHO 1 – Até deixou de gaguejar! Seu tempo acabou...⁸²

MOÇO – Eu queria ler mais uma tese de um colega meu que não pôde vir porque mora na Alemanha e já morreu.

VELHO 4 – Morto não entra no Congresso. Viva o oval *Esso!*

MOÇO – Foi o seu último pedido...

VELHO 1 – Vamos votar as teses... Pela primeira – etiqueta. (*Todos levantam os braços. O Padre também.*) Esta segunda maluca e gaga! (*Vaias. Só D4 bate palmas. O Velho 4 morre.*) Um minuto de silêncio...⁸³

MOÇO – Chega de silêncio... isto é um abu... abu... (*Todos se retiram levando bancos, mortos que saem mortos, o Padre sai abençoando tudo.*)⁸⁴ Abu... abu... abu...

DESGRAÇADO 4 (*ajudando*) – Abunda?

MOÇO – Ah... abunda! Abuso! (*Joga o papel no chão e sai. D4 pega e lê.*)

DESGRAÇADO 4 – “O lucro existe porque as mercadorias são vendidas pelos seus valores. Isto parece um paradoxo e contrário à observação de todos os dias. Parece também paradoxal que a Terra gire ao redor do Sol, e que a água seja formada por dois gases altamente inflamáveis. As verdades científicas serão sempre

dono. Tendo dono, outros não são donos e vendem a sua força de trabalho que é só o que milhões de operários possuem. Vão fabricar o que lhes mandam e não o que querem. A força de trabalho virou mercadoria, como azeite, farinha, mingau. E apareceu a mais-valia. O lucro é a mais-valia. O tempo de trabalho que não é pago. A exploração do homem pelo homem. / VELHO 4 – É congresso, canto orfeônico, é peça ou é comício?”

⁸² Em DAT, em vez de “gaguejar” foi utilizado “cantar”, marcando novamente o aspecto de desafio do diálogo anterior. De modo geral, nessa versão a gagueira do economista marxista é bem menos demarcada.

⁸³ Em DAT: “Velho 1 – Vamos voltar às teses... pela primeira etiqueta. Esta segunda musicada e assanhada (*Viram. Morre mais um.*) Um minuto de silêncio”.

⁸⁴ Em DAT não há esta rubrica.

paradoxais se julgadas pela aparência enganadora das coisas, Karlão!”⁸⁵ Que bonito. (*Anda em roda pelo palco.*)⁸⁶ Pensa Quatro, pensa Quatro pensa Quatro... Junta as coisas... o seu Gago⁸⁷ disse que a força de trabalho também virou mercadoria? E quanto é que ela vale? Ela vale o tempo de trabalho que levam pra fazer a força de trabalho? Que esquisito...

(*O Sujeito entra outra vez em cena. Dá três pulinhos.*)

SUJEITO – Eu não saio mais de cena... (*Dá continua andando.*)
Principiante.

DESGRAÇADO 4 – Ai, ai, ai... Será que é isso? Ai... Dá mais uns pulinhos que ainda estou pensando. (*Sujeito dá mais três pulinhos.*)
Ai... (*Sai correndo e chamando.*) Um! Um! Um...

(*DI entra em cena. Um banquinho. Ajoelha e reza. Letreiro: “Minha casa”. Sujeito lê e abana a cabeça.*)

SUJEITO – Minha casa... (*Tira um cartaz e deixa na frente do palco – no chão. Visível: “O Gaguinho disse – O que determina o valor da mercadoria é o tempo de trabalho socialmente necessário gasto na sua produção”. Dá entra em cena cansado. Correu muito. Bate numa porta imaginária.*)

DESGRAÇADO 4 – Pum... pum... pum.

DESGRAÇADO 1 (*para de rezar*) – Pum, pum, pum. Não vê que não tem porta? (*Dá entra.*) É você? Vai embora – você não para e não vai com a minha cara!

DESGRAÇADO 4 – Não faz mal... Eu acho que eu descobri, colibri. Por que é que você não vai pra calçada, toma um ônibus e não paga

⁸⁵ A passagem é uma citação literal da parte 6, *Valor e trabalho*, do livro *Salário, preço e lucro*, escrito por Karl Marx em 1865.

⁸⁶ Em DAT não há esta rubrica.

⁸⁷ Em DAT, em vez de “o seu Gago” consta “o cantor”.

nada?⁸⁸ Por que é que soldado não precisa usar espada? Por que você não trabalha junto com toda a gente que vive descansado, só quatro horas e mais nada, sem receber nada?... Por que é que não é tudo de graça: uva-passa, argamassa, cachaça? Por quê? Por quê?

DESGRAÇADO 1 – Ah. Ave-Maria.

DESGRAÇADO 4 – Por quê?

DESGRAÇADO 1 – Porque eu vou pra prisão, minha mulher cai na prostituição, o Zequinha vai fumar maconha e tocar pistão, o Cabeção vai ser gigolô, de dona Amélia, mulher do capitão. Tchau.

DESGRAÇADO 4 – Ave-Maria, nada é de graça.

DESGRAÇADO 1 – O senhor é convosco.

DESGRAÇADO 4 – É convosco mas não é conosco.

DESGRAÇADO 1 (*rezando*) – Não fala assim que eu te meto a mão na carcaça.

DESGRAÇADO 4 – Você não quer mesmo enxergar, hein? Se tudo fosse nosso quanto é que valia?

DESGRAÇADO 1 – Ave-Valia...⁸⁹

DESGRAÇADO 4 – Não valia nada. Tudo nosso – não vale nada, empada. Não vale dinheiro, brasileiro. Não tinha pra quem vender o que é de todo mundo.

DESGRAÇADO 1 – Você e as suas ideias... Ave-Maria.

DESGRAÇADO 4 – Vem cá... eu vou te levar num lugar que não existe – só pode existir se a gente fizer força e acreditar que ele existe – mas ele não existe.

DESGRAÇADO 1 – Ave-Maria.

⁸⁸ Em DAT, há a inserção da oração “[...] toma um ônibus e não paga nada? Come empada e não paga nada? Por que é soldado [...]”.

⁸⁹ Em DAT: “Ave-Maria...”.

DESGRAÇADO 4 – Ouve aí – é uma feira. Vende de tudo lá... Só que invés de dinheiro, vende tudo pelo tempo de trabalho que levou pra fazer... Vem comigo – mas só pode comprar o que você compra todo dia, mais nada. Você vem?

DESGRAÇADO 1 – Tchau.

DESGRAÇADO 4 – Me ajuda, Um. Eu acho que eu descobri por que é que a gente vive brigando, vive gritando, vive se gastando em palavrão, em tristeza, em lembrança, em querença... Vem comigo, vá. Vamos vê juntos?

DESGRAÇADO 1 – Você não vai com a minha cara, é.

DESGRAÇADO 4 – Vem comigo, vá. Eu te empresto meu umbigo. *(DI faz que sim, alegre.)* Fecha os olhos... imagina... é uma feira... Cheia de gente, apinhada de grito, apito, música, festa... Vamos lá... Pirlimpimpim. Pirlimpimpim.

(A música entra. Gritos na feira. Os Capitalistas e os Figurantes com barracões vendem coisas. Um porteiro ao lado de um cartaz: "Entrada para a feira". O Porteiro é o Capitalista 1. A feira aumenta e diminui de intensidade de acordo com o desenrolar da cena.)

VENDEDOR – Olha a boate, olha o iate, olha o apartamento.

VOZES – Venha ver o orçamento. A sua fazenda, com cavalo, capim e cabocla.⁹⁰ Geladeira. Enceradeira. Apitadeira. Automóvel. Olha o último sucesso de Ângela Maria. Seu curso na Faculdade de Frescura. Olha. Olha. Olha... *(Diminui.)*

PORTEIRO – Vão entrar? *(Os Desgraçados dizem que sim. Porteiro sorri.)* Quantas horas o senhor trabalha por dia?

DESGRAÇADO 1 – Oito horas.

PORTEIRO *(dando notas grandes. Com horas escritas.)* – Uma hora... duas horas... três horas... quatro, cinco, seis, sete horas... *(Papéis menores.)* Cinco minutos, cinco minutos, ahn, ahn... Oito horas. Prontinho. Desculpe dar tanto trocado. À vontade. Divirtam-se.

(O vozerio conjunto dos vendedores aumenta e diminui. Entra na feira. Baselam. Dançam os dois.)

DESGRAÇADO 1 – Que feira bonita. Que sonho bonito.

DESGRAÇADO 4 – Vamos ver no fim. Só compra no sonho o que você compra acordado.

DESGRAÇADO 1 – Combinado.

PRIMEIRO VENDEDOR⁹¹ – Olha o feijão bichadinho, bicho do bom, bicho gordinho.

DESGRAÇADO 1 – Quanto é um bocadinho?

PRIMEIRO VENDEDOR – Um quilo – trinta minutos de trabalho...! *(Recebe e entrega um quilo.)*

SEGUNDO VENDEDOR – Olha o barraco no morro do Sacocheio. Quando chove enche de água – quando não chove enche de água também. Anuncio um barraco, mas vendo um navio.

DESGRAÇADO 1 – Isso eu uso. Quanto é?

SEGUNDO VENDEDOR – Trinta minutos de trabalho. *(Recebe e paga.)*

TERCEIRO VENDEDOR – Olha o terno! Olha... Não precisa se preocupar se ele encolhe quando molha... Já vem curto! *(Vendedor ao 1.)*⁹² Quarenta minutos de trabalho.

⁹⁰ Em DAT: "VOZES – O orçamento. A sua fazenda, com cavalo, capim e cebola. Geladeira. [...]".

Os vendedores estão identificados na lista de personagens da versão PUB como Peirantes.

Em PUB a rubrica diz: "*(Vende ao 1.)*". Em DAT o vende aparece como abreviação de Vendedor, o que parece mais lógico como resposta à pergunta de Desgraçado 1 logo antes.

QUARTO VENDEDOR (*jornal*) – Olha a Desgraça – Guiomar desvairada matou a amante do amante à cachorrada! Segurou seu cachorro pelo rabo e matou a infeliz à cachorrada! (*Vendedor ao 1.*)⁹³ Cinco minutos de trabalho... Aproveite e veja o filme – *A volta do escorpião bobo*. Dez minutos de trabalho. (*D1 compra.*)

DESGRAÇADO 1 – Que feira bonita.

QUINTO VENDEDOR – Olha o caviar, peru, patê de enguia, ovo de marreco doido, suflê de suflê pra sofrer, vatapá, bungunzá, mamamá, lalalá.

DESGRAÇADO 1 – Quero caviar.

QUINTO VENDEDOR – Uma hora e dez de trabalho.

DESGRAÇADO 4 – Não, Um. Você só compra no sonho o que você compra acordado.

DESGRAÇADO 1 (*reclama*) – Ah.

SEXTO VENDEDOR – Guarujá... uma semana de maiô, uísque, água do mar até esbaldar, perna de loira e sol até descascar. Uma semana de “isso sim é que é vida, dona Ida!”

DESGRAÇADO 1 – Quanto é?

SEXTO VENDEDOR – Seis horas de trabalho por dia.

DESGRAÇADO 1 – Me dá.

DESGRAÇADO 4 – Não, Um.

DESGRAÇADO 1 – Ah. Assim eu não quero.

SÉTIMO VENDEDOR – Olha o automóvel, geladeira, patinete, televisão, enceradeira, binóculo, escada rolante, ambulância, rifles combinados. Aperta um botão, é binóculo, outro é geladeira, outro é automóvel... Só não vira mulher, dona El-

vira. Mas com um aparelho desses, meu amigo, até um gago arruma mulher.

DESGRAÇADO 1 – Eu quero.

DESGRAÇADO 4 – Não pode, Um. Você combinou.

SÉTIMO VENDEDOR – Vinte horas de trabalho por dia.

DESGRAÇADO 1 – Duas o senhor disse?

SÉTIMO VENDEDOR – Vê se eu passei lá na esquina, com um bigode, cara amarrada e apertado pra ir na casinha... (*D1 sai triste.*)

DESGRAÇADO 1 – Vamos embora, Quatro. Isso não é sonho... é pesadelo no meu cerebelo.

OITAVO VENDEDOR – Olha o apartamento, presidento! Vista para o mar... aperta um botão – vista para o quarto da vizinha. Cinco quartos, oito salões... salão pra cuspir, salão pra pensar onde ir, salão pra pensar o que vai fazer com tanto salão...

DESGRAÇADO 1 – Quanto é?

OITAVO VENDEDOR – Trinta horas de trabalho por dia.

DESGRAÇADO 1 (*chora*) – Não quero mais, Quatro. Tem tudo aqui... e eu não posso ter nada! (*A feira vai diminuindo. Um lixeiro vem varrer. Assobia música triste.*)⁹⁴ Já comprei tudo que eu uso todo dia...

DESGRAÇADO 4 – Quanto você gastou?

DESGRAÇADO 1 – Duas horas... Deixa eu comprar mais coisa, seu Coisa.

DESGRAÇADO 4 – Não. Só compra no sonho o que você compra acordado. É a décima vez que o autor me faz dizer isso... Depois a gente encontra ele.

⁹³ Mesma variação da nota anterior.

⁹⁴ Em DAT não há esta rubrica.

DESGRAÇADO 1 (*ao público*) – Eu vou guardar essas seis horas de trabalho que sobraram... Depois sonho sozinho e compro mais coisa, seu Coisa.

PORTEIRO (*aparecendo ao fundo*) – Essas horas ficam conosco, cavalheiro...

(*A feira está completamente vazia. Os vendedores foram se retirando de costas. Diminuindo a intensidade dos anúncios até desaparecerem.*)⁹⁵

DESGRAÇADO 1 – Mas...

PORTEIRO – Regulamento é regulamento. (*Sai.*) Regulamento é regulamento... Lamento... regulamento é regulamento, sargento. Atento? Regulamento é regulamento? Contento? (*Fica em fundo essa voz. Um indivíduo – roupa de época – cabeleira Luís XV – aparece.*)⁹⁶

DESGRAÇADO 4 – Entendeu?

DESGRAÇADO 1 – Que sonho mais besta, ô! Eu trabalhei oito horas... seu grudento!

DESGRAÇADO 4 – E gasta pra viver – pra poder trabalhar no dia seguinte só duas horas... As outras seis horas... ficam na feira... é o lucro!

DESGRAÇADO 1 – Como é? (*O indivíduo também se interessa. O lixeiro também.*)⁹⁷

DESGRAÇADO 4 – A gente vende a gente, não é?

INDIVÍDUO – É.

DESGRAÇADO 4 – A força que a gente tem na cabeça, no estômago, nas pernas... O Gaguinho disse que isso era mer... mercadoria tam... também.

⁹⁵ Em DAT não há esta rubrica.

⁹⁶ Em DAT não há esta rubrica.

⁹⁷ Em DAT não há esta rubrica.

INDIVÍDUO – Sem dúvida.

DESGRAÇADO 1 – Eu sou mercadoria?

INDIVÍDUO – Pois então.

DESGRAÇADO 4 – É assim, Um. Não dependeu de mim, do Amin, de você. Nossa força de trabalho é mercadoria. E sabe quanto vale? O tempo de trabalho que leva pra fazer ela.

DESGRAÇADO 1 – E quanto é que a gente vale?

INDIVÍDUO – Cinco mil réis e uma casca de laranja.

DESGRAÇADO 4 – Nossa força de trabalho vale o tempo de trabalho que gastam pra fazer as coisas que a gente come, veste... E agora você viu... Isso vale duas horas... Você trabalha oito. As seis horas que sobram eles embolsam. Tudo é vendido pelo valor certinho... só que é vendido. Tem dono e endereço direitinho.

INDIVÍDUO –

Direitinho, direitinho.

Erradinho, erradinho.

Qual dos dois é mais bonitinho?

DESGRAÇADO 1 – Vem cá, isso é assim mesmo?

INDIVÍDUO – Ele é bastante burro, hein?

DESGRAÇADO 4 – Acho que é.

DESGRAÇADO 1 – E aqueles tempos que os vendedores falavam, são esses mesmos?

DESGRAÇADO 4 – Não sei. Acho que nem o autor sabe direito.

INDIVÍDUO –

Direito-volver.⁹⁸

⁹⁸ Em DAT: “Direita-volver”.

Quem sabe manda,
 Quem não sabe anda.
 O mundo é uma ciranda!

DESGRAÇADO 1 – E como é que ele escreveu?

DESGRAÇADO 4 – Era só pra explicar direito, acho. O resto a gente pensa. Eu penso, tu pensas, ele pensa, nós pensamos... Tem gente que tem 25 anos de idade e é dono de 400 anos de trabalho e fica jogando baralho. Pode?

DESGRAÇADO 1 – Não pode.

INDIVÍDUO – O autor é louco.

DESGRAÇADO 4 – E o senhor o que é?

INDIVÍDUO – Eu sou da peça.

DESGRAÇADO 4 – Que peça?

INDIVÍDUO – Essa não é a história d'Os três mosqueteiros?

DESGRAÇADO 4 – Não.

INDIVÍDUO –

Não? Então eu me enganei de teatro... Desculpem.

Se um não se enganou,

Um outro já acertou,

Se um não se enganou,

O outro se danou. *(Sai lento.)*

DESGRAÇADO 4 – Sabe como é que o Gaguinho disse que chamava isso de ficar com as horas que a gente trabalha?

DESGRAÇADO 1 – Não.⁹⁹

DESGRAÇADO 4 – Mais-valia.

⁹⁹ Em DAT esta fala foi suprimida.

DESGRAÇADO 1 – Maisania? *(Ao Indivíduo que vai saindo.)* Maria Antonieta! *(O Indivíduo olha.)* Essa peça se chama *A maisania vai acabar, seu Edgar*. *(Coro. Com 4 e o Lixeiro que largou a vassoura.)* A maisania vai acabar! A maisania vai acabar!¹⁰⁰

*(O Sujeito entra e dá mais três pulinhos. Lá dentro o coro continua. Engrossa. Os Capitalistas aparecem. Puxam o tapume e se escondem atrás da janela. O Sujeito olha tudo com um tremendo desespero. Vai até o painel e diz aos Capitalistas.)*¹⁰¹

SUJEITO – A mais-valia e a peça vão acabar, seu Edgar! *(Sai. O Coro aumenta nos bastidores.)*¹⁰²

CAPITALISTA 1 – Aí vem eles de novo, cara de ovo.

CAPITALISTA 2 – Deixa.

CAPITALISTA 1 – Deixa, eles comem a ameixa. Descobriram a mais-valia que eu não contei nem pra minha tia! Com a sua idade deixar gente em liberdade!

CAPITALISTA 3 – O que é maisania?¹⁰³

CAPITALISTA 1 – Fala baixo. Mais-valia. Eles trabalham oito horas e os produtos que utilizam pra viver por dia, valem quatro horas, duas horas de trabalho... conforme a gente vai aperfeiçoando a técnica.

CAPITALISTA 3 – E essas quatro horas que sobram?

CAPITALISTA 1 – Ingenozinho. Faz bilu-bilu. São nossas horas – é o meu iate, minha boate, a virgindade de minha filha, o meu peru,

¹⁰⁰ Em DAT: “D1 – Mais-Valia? Maria Antonieta. Essa peça se chama *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* / A mais-valia vai acabar. / A mais-valia vai acabar”.

¹⁰¹ Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰² Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰³ Em DAT: “C3 – O que é mais-valia?”.

sua havaiana, nosso pastel de creme, nossa piscina, minha vacina, meu cavalinho... poc, poc, cavalinho bom... Minha fábrica.

CAPITALISTA 3 – Então nós estamos roubando essa gente?

CAPITALISTA 1 – Não, senhor! A gente fica com a mais-valia só. Dar a mais-valia pra bêbado, pingunço, desdentuço?

CAPITALISTA 3 – Então eu vou largar isso.

CAPITALISTA 1 – Ah, é, choriço? E vai à falência, larga a havaiana, tira seu filho da carreira diplomática, põe ele a estudar matemática? Ah, é? Larga seu pé de café e vai por boné pra trabalhar em chaminé?

CAPITALISTA 3 – Que coisa!

CAPITALISTA 1 (*apontando C2*) – Culpa desse imbecil... tratar pingunço na base de pão-de-ló e mocotó... Essa gente é xilindró! Fala agora...

CAPITALISTA 2 – Eu fiz pipi na calça.

CAPITALISTA 1 – Sai pra lá... Agora sim é que é bom olhar pra aprender como se deve fazer.

(*Chegam os operários: "A mais-valia vai acabar, seu Edgar! A mais-valia vai acabar, seu Edgar!"*)

DESGRAÇADO 4 – Ó, gordinho. Nós descobrimos uma coisa quando os olhos abrimos. Tudo que os gordinhos têm é nosso também. A gente quer o que é da gente pra não ser mais pingente. Tudo é nosso, ô, gordinho. E eu preciso de um médico, de um dentista, descanso, tenho dor de barriga, pés inchados, não consigo mais comer, tenho dor de cabeça, estou ficando magro, choro à toa, pego gripe quando tomo garoa, estou perdendo a memória, a história, não enxergo direito, estou perdendo o peito – durmo de pé – só sobra a vontade. A vontade de não ter mais isso na vida. E vontade só morre quando seca a veia por onde ela corre.

CAPITALISTA 1 – Por que é que tudo é de vocês, morto de fome?

DESGRAÇADO 4 – Porque eu trabalho oito horas por dia... eu vendo a minha força que já não tem força durante oito horas... e para fazer com que a força continue dentro de mim... pra continuar a viver – eu gasto uns dez minutinhos de trabalho dos outros. O resto do meu trabalho fica com você, gordinho.

CAPITALISTA 2 (*baixinho*) – Gordinho... que apelido bonitinho.

CAPITALISTA 1 – Fica quieto. Você já esta me molhando também.

CAPITALISTA 3 – Eu vou desistir. Diga que é verdade.

CAPITALISTA 1 – Fica aí. Senão eu conto o negócio da concessão da estrada de rodagem que você arrumou pro seu genro que não come vagem.

CAPITALISTA 3 – Que coisa! Que coisa!

CAPITALISTA 2 – Meu povo.

CAPITALISTA 1 – Você faz pipi... eu falo aqui! Isso tudo é mentira que contaram pra vocês. Nós temos nossos cientistas, economistas, puxa-saquistas que estudaram e pensaram... E agora vocês – meia dúzia de gatos pingados, suados, mijados – com essa história? Tudo é mentira que o Capeta põe no coração de gente ruim que não se contenta com o pão e querem ver tudo feito um vulcão. Rua.

DESGRAÇADO 4 – Eu exijo, gordinho.

CAPITALISTA 1 – Gordinho é a mãe! Ninguém exige coisa sem cabimento. Faça um requerimento.

DESGRAÇADO 4 – O requerimento nunca se lê.

CAPITALISTA 1 – Faça outro requerimento requerendo a leitura do requerimento. E para se concentrar em praça pública é preciso licença.

*(C2 põe um boné de guarda e dispersa os Desgraçados. D4 sobe no baú.)*¹⁰⁴

DESGRAÇADO 4 – Companheiros.

CAPITALISTA 1 – Isso é subversivo. Transtorno da ordem pública! Cana!

*(C2 vestido de guarda coloca uma grade na frente de 4. Os Desgraçados vão saindo abatidos. D1 começa a rezar. Espera. Nada acontece.)*¹⁰⁵

DESGRAÇADO 1 *(olhando para cima)*¹⁰⁶ – Eu entendi, doutor. O senhor não tem nada que ver com isso, não é? Um momento! *(Todos param.)* Ou o Quatro sai de cana ou a gente para o trabalho

*(Todos apoiam. Cruzam os braços.)*¹⁰⁷

CAPITALISTA 1 – Pois parem.

CAPITALISTA 3 – Não posso, Um. A minha fábrica... eu preciso terminar a minha produção agora.

CAPITALISTA 2 – Eu também.

CAPITALISTA 1 – Você o que precisa é parar de urinar! Pois parem.

CAPITALISTA 3 – Vai ficar tudo enalhado, amontoado.

CAPITALISTA 2 – Sua fábrica também não vai produzir... Você perde o dinheiro para as eleições.

CAPITALISTA 1 – Soltem o Quatro.

*(C2 põe o boné. Todo molhado. Solta o 4. Os Desgraçados aplaudem, os Capitalistas olham da janela. Amedrontados. 1 e 4 se abraçam.)*¹⁰⁸

DESGRAÇADO 4 – Você é meu amigo, Um.

¹⁰⁴ Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰⁵ Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰⁶ Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰⁷ Em DAT não há esta rubrica.

¹⁰⁸ Em DAT não há esta rubrica.

DESGRAÇADO 1 – Você é que é meu amigo, Quatro.

DESGRAÇADO 4 – Estou feliz, Um.

DESGRAÇADO 1 – Estou feliz, Quatro.

DESGRAÇADO 4 – Precisamos contar pra todo mundo. Precisamos pensar mais e descobrir como as coisas são. Vamos contar, falar, cantar, berrar, sussurrar, esfregar...

DESGRAÇADO 1 – Contar que bem que a gente já podia ganhar mais.

DESGRAÇADO 4 – Ganhar mais? Fomos nós que fizemos tudo isso, Um! Essa avenida é tua, essa casa é tua, como o Sol, o mar que é seu, meu, do Abreu... Como o ar, jornal, leite, a gravata, a bola de futebol, papel pra fazer cheque, rolha de uísque, paralelepípedo.

(Avançam para o público. O coro de Figurantes repete as últimas palavras do que eles dizem.)

DESGRAÇADO 1 – Joaquim – o sapato é teu, o pão é teu, sabão é teu, roupão é teu, serpentina é tua, tambor é teu, navio é teu, avião é teu...

CORO – Navio, avião, serpentina teu.

DESGRAÇADO 4 – Toninho – ladrilho é teu, chaminé é teu, cafuné é teu, espingarda é teu, almofada é teu, telefone é teu, jardim é teu, jasmim é teu.

CAPITALISTA – É mentira – é meu. *(Coro dos Capitalistas.)*

DESGRAÇADO 1 – Lourenço – não precisa mais fazer bomba, granada, foguete, metralha, bazuca – não tem mais de quem defender, pode escrever – é nosso.

CORO – Jardim, jasmim, curumim, é teu.

CAPITALISTA – É nosso.

DESGRAÇADO 4 – Marinho – dança é teu, espada é teu, medalha é teu, tijolo é teu, cimento é teu, macacão é teu.

CAPITALISTA – É nosso.

CORO – Medalha, tijolo, cimento, ferro é teu.

DESGRAÇADO 1 – Ricardo... tudo acontece por causa da mais-valia... Confete é teu, passe é teu, o rádio é teu, cinema é teu, bilhar é teu.

CAPITALISTA – É nosso. É nosso. Viva o oval Osso¹⁰⁹!

DESGRAÇADO 1 – Gente – o trem é teu, o riso é teu, linotipo é tua, aço é teu, eletricidade é teu, prensa é tua, rotativa é teu, tear é teu, torno é teu, segadeira é tua, martelo é teu, rotativa é teu, o sonho é teu, a foice é tua, o samba é teu, o amor é teu, a lembrança é tua, a lua é tua. A vida é teu! A vida é tua!¹¹⁰

CORO – A vida é tua! A vida é tua! (*A cortina fecha de golpe.*)¹¹¹

SUJEITO (*põe a cara fora da cortina – dá três pulinhos. Só a cara é que se vê.*) – A mais-valia vai acabar, seu Edgar!¹¹²

PARTITURAS DAS CANÇÕES¹

A PAGA

A paga vem depois que a gente morre
 você vira um anjo todo branco
 rindo sempre da brancura
 bebe leite em teta de nuvem
 não tem fome, não tem mais saudade
 pinta o céu da cor da felicidade

¹⁰⁹ Referência a “oval Esso”, expressão da época que designava a logomarca da empresa petrolífera Esso.

¹¹⁰ Em DAT: “D1, D4 (*cantam*) – Gente, o trem é teu, a foice é teu, linotipo é tua, geladeira é teu, martelo é tua, rotativa é teu, tear é teu, torno é teu, a prensa é tua, o aço é teu. / Gente, o sonho é teu, o riso é tua, o samba é teu, / o amor é teu, a lembrança é tua, a lua é tua, a vida / é teu, a vida é tua, a vida é tua”.

¹¹¹ Em DAT esta fala foi suprimida.

¹¹² Em DAT esta fala foi suprimida.

As partituras originais das canções de Carlos Lyra constam no final da edição publicada por Yan Michalski em 1981. Para este volume, foram revisadas e reescritas por Paulinho Tó, músico e pesquisador do LITS.

Estreia da primeira montagem: 28 de julho de 1960.

Estreia da segunda montagem: 21 de outubro de 1960.

Teatro de Arena da Faculdade Nacional de Arquitetura – Rio de Janeiro.

SOBRE A MAIS-VALIA¹

Oduvaldo Vianna Filho

Da necessidade de completar nossa existência fora de nós em composição com o mundo exterior surge a necessidade de inteli-lo. Esta unidade é possível pelas relações estabelecidas através dos sentidos. Os sentidos, porém, não vão além do nosso testemunho individual, presente e imediato dos fenômenos. Ninguém vê a história, a mais-valia. Os vácuos e os vazios que esta condição nos impõe só poderão ser preenchidos pelo conhecimento; pela abstração e normatização de nossas experiências. É o conhecimento que historicamente permite a invenção de objetos unicamente sensíveis que armam nossos sentidos de experiências que nossa presença e nossa contingência jamais poderiam obter. O artista colabora na criação de condições para a intervenção humana sobre a realidade. A dialética que nos compõe como seres integrantes mas, ao mesmo tempo, como seres que precisam intervir sobre a realidade para substituir, para satisfazer nossas necessidades, exige o conhecimento que permite e se enriquece com a arte.

O artista cria um objeto sensível porque como indivíduo é prisioneiro de sua individualidade na observação dos fenômenos mas, como ser social, é capaz de coordenar suas experiências extraíndo

¹VIANNA FILHO, Oduvaldo. "A mais-valia tem que acabar, seu Edgar". In: MICHALSKI, Yan (org.). *Teatro de Oduvaldo Vianna Filho*. Rio de Janeiro: Ilha, 1981, v. 1, p. 217-221.

significados e sentimentos que referem nossa existência e ação. O artista se dirige à consciência social formulando experiências que coordenarão e desenvolverão o conhecimento que esta consciência social possui do ser social. A comunicação na obra de arte é condição primeira porque o artista organiza seu material sensível como objeto de si mesmo. Sua subjetivação só se coordena e amplia quando transporta para um objetivo fora de si. Os instrumentos que possui para esta auto-organização são também os sentidos.

Esta projeção que realiza nossa individualidade na obra de arte, porém, é condicionada pela existência necessária de realizações entre os homens que independem de nossa vontade e configuram historicamente essa individualidade que percebe fenômenos segundo condições sociais determinadas. A participação do indivíduo, inevitável, dentro do ser social poderá não corresponder aos valores que extrai de sua experiência como representante da consciência social.

O teatro realista é a expressão típica de um pensamento que historicamente já não pode surpreender as experiências mais fundas da nossa condição caracterizada pela aguda decadência capitalista. O realismo hoje se acomodou; perdeu qualquer correspondência cultural mais intensa com as novas propostas que surgem, que se configura com a nova consciência; e retarda e dificulta o acesso do homem aos valores que se aposse do seu destino. A forma realista expressa que não consegue levar à consciência social o instrumento com o qual poderá verificar seu condicionamento, seu movimento histórico, sua alienação, para poder modificar as relações que se estabelecem independente de nossa vontade e que necessariamente conduzem a história para trás. O realismo agora conduz à contemplação. O teatro realista expressa (como teatro que baseia sua estética na correspondência aos dados sensíveis que obtemos na realidade) a ação humana segundo as coisas que percebe e afetam nossos sentidos; a ação humana relacionada com os fenômenos que estão debaixo de nossa percepção e com os quais estabelecemos relações para existir.

Um teatro que volta a prender o homem aos seus sentidos, nos dados imediatos; sentidos humanizados em contato com fenômenos sociais que entretanto só podem ser relacionados para capacitar nossa intervenção individual sobre eles. O teatro realista eterniza e empaca os transitórios valores culturais que um determinado processo histórico projeta na consciência social. E o homem realista fica frágil, dedica-se ao mais simples e fácil, foge das responsabilidades, mente, degenera, perde sua juventude, amassa sua revolta, é oportunista, tem a cor política que a atribuição histórica exige dele e tudo o mais. E o que podemos fazer? No realismo, evitar que isto aconteça a cada um de nós, fazer com que a vontade do homem modifique, pelo menos, nossa realidade individual. Para o teatro realista a existência social é um fardo, um mal inevitável que precisa ser atenuado até onde for possível. E tudo isto é exato a uma observação individual, imediata, sem história e sem processo da realidade.

A revolta realista diante destas condições (que exigiu gigantes heróis queimando os valores de transigência e acomodação e que depositam na condição social a beleza da abnegação e do desinteresse) sumiu. Tennessee Williams acha que a solução é a cama e uma pitada de tolerância. Arthur Miller até aqui não pôde ir além da formulação social de que o capitalista é capitalista porque quer, porque os patrões querem ter gravadores de fita e são boçais². Não foi além da formulação de que um ser humano é um ser humano e deve ser encarado acima de tudo como um ser humano.

Gary Cooper é o bagaço do realismo que aprendeu a não reclamar, que quase não fala e consegue ser diferente dos outros sem esforço. O homem do silêncio que nunca age contra a ordem estabelecida e repõe a ordem ameaçada. Marlon Brando é o novo homem realista. Ao contrário de Gary Cooper que compõe sua individualidade com o mundo exterior segundo os eternos valores fundamentais do homem,

² Referência à peça *A morte do caixeiro viajante*.

Marlon Brando é objeto da realidade; é desorganizado, contraditório, inesperado, porque já não tem que agir sobre as coisas; tem que ser acionado por elas para existir. Gary Cooper e Marlon Brando são realistas. Compõem diferentes valores culturais extraídos do mesmo pensamento fundamental: a consciência social determina o ser social.

Nunca o ser social formula valores necessários que a consciência social precisa utilizar para se adaptar à realidade com um mínimo de atrito e desgaste. No realismo é a consciência social que precisa ser conhecida; seus vícios imutáveis, suas razões inescrutáveis. A este conhecimento corresponderá uma vida mais tranquila com Coca-Cola, torradeira, guerras com a vitória garantida etc.

No realismo tudo surge da vontade humana que cria as circunstâncias. Cada espetáculo realista é a consagração de valores que definem nossa irresponsabilidade social e formulam a responsabilidade do indivíduo segundo suas exclusivas necessidades. O teatro realista é utilitário e político. Político no sentido de procurar para cada manifestação um valor de correção e não uma atitude global que possa abranger e interligar as mais fundas experiências que podemos descobrir em nossas condições. Todos os autores que se levantam contra o teatro político vão para casa e escrevem peças políticas. Abordar temas políticos é uma coisa; escrever peças políticas é outra.

O teatro realista formula e consagra o condicionamento como natural e imutável; abandona a história e se movimenta desenvolvendo ações que surgem de outras ações que só o utilitarismo impede que se estendam até Adão e Eva. A ação restringe-se aos momentos de desequilíbrio como se o equilíbrio social fosse ponto pacífico. É a prisão à aparência das coisas que amarram o homem dentro de si mesmo e afastam a possibilidade de atingir o plano da consciência, os valores de intervenção que inverterão nossa relação amarfanhada com o mundo; que nos darão consciência histórica da necessidade de revolucionar — único modo de fazer surgir valores que até aqui sobrem na consciência doida do homem como sonhos dourados abstratos de

paraísos de pureza e ausência. O realismo é a consciência da necessidade individual diante do jogo infundável de causas e efeitos que surgem do caos e da fragilidade humana; não da mais-valia.

Caberia discutir aqui como o realismo se inclui historicamente, no seu aparecimento, no complexo cultural capitalista, mas não sou capaz disso. Não sei o que poderia ter sido diferente; não saberia precisar a formação de valores pelo realismo que não são os ideais para o desenvolvimento do processo capitalista atenuando os efeitos de valor. O realismo nunca deixou de ser uma revolta. A tentativa de transformar a realidade para adaptá-la aos padrões éticos que devem caracterizar o ser humano ideal mantém valores de solidariedade, sacrifício, abnegação e etc., ainda que abstratos e transformados em objetivos. O realista não está atrás de novos valores para a realidade que se modifica; quer recuar a realidade para valores ideais que, de qualquer forma, compõem historicamente a luta do homem pela sua liberdade.

As conquistas democráticas de nossa época estão intimamente ligadas ao realismo. Agora o realismo caiu de costas. A experiência cotidiana desfaz o pensamento que o informou. Nossa participação social é pressentida e vivida com maior intensidade. O artista realista agora escreve para não entrar na fila e ser ninguém. Aparentemente somente o artista pode ficar puro e julgar os transeuntes; aqueles valores ideais só podem sobrar nas mãos daqueles que não participam da produção. Todos os outros estão num arranca-rabo sem fim.

O realismo brasileiro ainda tem o sabor de revolta e protesto. Levantou-se diante da cultura importada que somente esclarecia e afirmava nossa natural e necessária e folclórica inferioridade. O realismo brasileiro surge para modificar esta posição e tenta caracterizar nossa realidade como resultado desse servilismo absurdo, da imensa irresponsabilidade cultural, da exploração violenta de um povo, de sua desfiguração progressiva. As peças são primárias, mas estão do nosso lado; não são obras-primas da irresponsabilidade. Aqui se escreve

muito mais que “uma greve furada” do que “frescura é uma doença”. Mas, todas elas, importam de início os instrumentos realistas.

É preciso uma outra forma de teatro que expresse a experiência mais ampla de nossa condição. Uma forma que se liberte dos dados imediatos, que organize poeticamente valores de intervenção e responsabilidade. Peças que não desenvolvam ações; que representem condições. Peças que consigam unir, nas experiências que podem inventar e não copiar, a consciência social e o ser social mostrando o condicionamento da primeira pela última. Isto não será mais um teatro apenas político embora o teatro político seja fundamental nas atuais circunstâncias.

Depois de tudo isso, *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* é peça política mesmo circunstancial. Os valores formulados são simplistas e esquemáticos, viciados na ação que corre e se movimenta deixando o objeto de representação estático e emburrado. Só tentei realizá-la como teatro político. A mais-valia é o fenômeno econômico que desencadeia a lei do valor que caracteriza o ser social desumano em que vivemos. Na mais-valia e na lei do valor estão contidos o desemprego, o utilitarismo, a individualização, o mundo segundo nossa consciência. Na mais-valia está encravada a progressiva pauperização do proletariado, a estagnação das forças produtivas, o desfalecimento e o abandono. A mais-valia esconde a nossa real condição, firmando valores que não dão ao homem a possibilidade de sentir-se e pensar como componente de um movimento dialético que começa em si e termina nas coisas forjando um mentiroso homem livre que tem a estranha capacidade de se projetar em si mesmo e virar objeto.

A mais-valia contém a divisão do trabalho manual e intelectual, a concentração demográfica, a guerra, a desnecessidade da existência dos outros. Procurei explicar a mais-valia de maneira primária que só de maneira primária a conheço. A mais-valia vale um teatro político e circunstancial. A mais-valia vai acabar, seu Edgar.

A MAIS-VALIA: PENSANDO NUM MUNDO MELHOR¹

Chico de Assis

Era o ano de 1960 e nós do Teatro de Arena estávamos no Rio. Tínhamos levado para lá as montagens que haviam feito um movimento novo no teatro paulista. A ida para o Rio foi o início de uma série de processos que levaram o grupo inicial de *Eles não usam black-tie* a tomar outros caminhos. Era o ponto inicial de uma diáspora dos elementos principais do Arena, buscando realizar suas ideias em campos diferenciados. Quem puxou o cordão da gradativa fuga da “casa paterna” do Zé Renato fui eu. Durante a temporada de *Revolução na América do Sul*, do Boal – eu tinha sido assistente do Zé Renato e era o autor das canções em parceria com a Geny Marcondes – saí do grupo de Arena.

É bom que se diga que o Vianinha, o Miguel Borges e eu tínhamos nos proposto a escrever uma peça a seis mãos. O resultado do trabalho a seis mãos foi que o Vianinha, que não brincava em serviço, fez a peça inteira. Eu então resolvi partir para a minha estreia na direção com o texto dele. Para a época a peça era bem avançada. Muita gente não entendeu no início que aquele texto estava propondo novos caminhos para o teatro nacional. Todos nós sabíamos que era preciso dar

ASSIS, Chico. “A Mais-valia: pensando num mundo melhor”. In: MICHALSKI, Yan (org.). *Teatro de Oduvaldo Vianna Filho*. Rio de Janeiro: Ilha, 1981, v. 1, p. 213-216.

um passo à frente do Arena. Tínhamos chegado a um ponto onde a diversificação era desejável. *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* foi o início de um dos vários movimentos que tentaram estabelecer uma proposta de teatro popular naquela época.

Eu era um diretor que queria estrear e por isso tratei de encontrar um grupo de teatro para trabalhar. Havia o grupo de Teatro Jovem, do empresário Kleber Santos, e coincidiu que a Faculdade de Arquitetura, que na época estava na Urca, tinha lá um bom local. Era o teatro ao ar livre que tinha abrigado os primeiros *shows* da bossa-nova. Tinha já alguma tradição o ponto e foi lá, em acordo com o diretório acadêmico, que iniciamos os ensaios da peça do Vianinha. O elenco era formado pela turma do Teatro Jovem e depois vieram alguns profissionais ligados ao Arena, como foram os casos de Joel Barcellos e Hugo Carvana. Mais adiante um grupo de arquitetos também compareceu e formou-se um elenco de atores novos.

A Arena da Arquitetura era um desafio logo de início porque tinha lugar lá para mais de duas mil pessoas, eu creio, mas todos concordamos que podia dar certo uma temporada naquele lugar.

A peça do Vianinha era um desafio por suas propostas arrojadas. Ele pretendia dar uma visão estética de uma tese sócio-político-econômica do processo da mais-valia, uma das bases fundamentais do pensamento marxista. Para tanto o autor se valeu de uma técnica que oscilava entre o didático, informado sem dúvida por Bertolt Brecht, e tudo que as experiências do Seminário de Dramaturgia do Arena de São Paulo e do Rio tinham estimulado. O resultado final do texto era uma sequência de cenas que tinham como ideia central o efeito social da mais-valia. Mas a ação central era bem variada. As cenas se sucediam mostrando momentos da vida do homem comum esmagado sob o peso do processo industrial, alternadas com cenas onde a ideia e a proposta da mais-valia eram apresentadas como fórmulas a serem descobertas e entendidas na sua essência mais profunda.

Havia música, e por isso convidei Carlos Lyra, um dos iniciadores do movimento da bossa-nova, para compor as canções que o Vianinha tinha criado para a peça. Entendi que a Arena da Arquitetura, grande como era, devia ter um cenário monumental, e assim um grupo de estudantes de arquitetura passou a criar um cenário de 15 metros de altura com vários planos. Num deles iria ficar o conjunto musical, e nos outros se desenvolviam cenas. Também no plano do chão a peça se desenvolvia. Depois pensamos em usar cinema, e Leon Hirszman veio trabalhar com a gente. Depois do cinema inventamos *slides* e fomos inventando uma parafernália de meios que redundou numa revista musical.

Os atores cantavam e dançavam além de dizerem seus textos. Claro que o processo de ensaio resultou de um estudo e discussões sobre a obra e suas bases. Carlos Estevam, na época estudante de Filosofia, se encarregou de idealizar alguns gráficos para a demonstração de dados importantes para o entendimento da proposta.

Eu na época estava animado por Bertolt Brecht e Erwin Piscator. Isso coincidia com o pensamento do Vianinha, mas eu tinha uma íntima busca de um teatro mais acessível ao grande público e teimei em usar uma base estrutural de revista da Praça Tiradentes. Desta mistura, acrescentando formas estratificadas pelo cinema americano, saiu a encenação da *Mais-valia*.

Em pouco tempo tínhamos perto de 70 pessoas trabalhando na montagem, sendo que o grupo de atores era composto de 20 pessoas. Muitos nunca haviam feito teatro, outros eram amadores, e alguns eram profissionais que começavam. A unidade foi nascendo pelo esforço do ensaio. Formou-se um grupo sólido que permaneceu como núcleo de apoio que suportava as desistências de gente que ia saindo durante a montagem, como sempre acontece em grupos amadores.

Os ensaios eram abertos ao público e pouco a pouco foi se formando uma plateia constante que comentava e discutia cada caminho que íamos tomando. Aprendemos a cantar e dançar e fomos

chegando a um espetáculo definitivo. Depois de três meses de ensaio estreou a *Mais-valia* com o Teatro de Arena da Faculdade de Arquitetura lotado e largando gente pelo ladrão. Foi um susto, porque só tínhamos usados os meios mais precários de divulgação. Ao final da estreia houve muita empolgação e todos os sintomas mostravam que havíamos conseguido sucesso. Eu tinha afastado o Vianinha dos ensaios e ele viu a encenação pela primeira vez na estreia com a plateia lotada. Como diretor estreado e inseguro eu achava que a presença do Vianinha nos ensaios poderia perturbar o meu trabalho. Mas levei aos ensaios meus colegas do Arena: Flávio Migliaccio, Milton Gonçalves, Henrique Cesar, Arnaldo Weiss, Nelson Xavier. Discutimos com eles e aproveitamos ideias.

O Vianinha não concordou logo de saída com a concepção do espetáculo; ele tinha, é claro, imaginado muita coisa de forma bem diferente do que tinha assistido. Discutimos um pouco, mas no correr de breve tempo ele também resolveu sair do Arena e veio fazer um papel na montagem. Não consigo esquecer de sua figura alta e magra dançando na Arena da Arquitetura, dançando e cantando e dizendo seu texto numa total integração do autor e ator.

A crítica se dividiu e houve debate prolongado entre Paulo Francis e Miguel Borges. Mas a maioria aceitou bem o espetáculo. Quanto ao público, na pior época do teatro do ano, a *Mais-valia* tinha uma média de quatrocentos espectadores, enquanto que algumas peças não conseguiam com os melhores profissionais emplacar um mês de permanência.

A *Mais-valia* ficou em cartaz por volta de oito meses, se bem me lembro.

Da montagem daquele espetáculo nasceram outras ideias para o teatro popular que mais tarde se consubstanciariam um pouco no Centro Popular de Cultura da UNE.

Isso foi em 1960 e hoje para escrever esse prefácio eu consulto a minha coleção de recortes de jornais e revistas. Volto num átimo

a um passado vibrante. Uma saudade faz passar uma sequência de memórias. Lembro do Vianinha e lembro de nossas brigas, turrices e discussões. Tantas vezes berramos um ao outro nossas ideias sem chegarmos a um acordo. Estávamos num período fervente de novas propostas. Cada um de nós tinha o seu caminho e no entanto nosso caminho sempre foi o mesmo. Lembro de cada ator, de cada membro da equipe, na fúria de fazer teatro, amando o trabalho. Líamos muito, falávamos muito, trabalhávamos muito, e sem dúvida pensávamos incessantemente num mundo melhor.

HISTÓRICO DA MONTAGEM¹

Chico de Assis

O Teatro de Arena de São Paulo fazia muito sucesso. Todos nós éramos autores, atores, diretores e fomos para o Rio fazer uma temporada, com o nosso repertório que incluía três peças: *Eles não usam black-tie*, *Chapetuba Futebol Clube* e *Revolução na América do Sul*. Nessa última, fiz assistência de direção do Zé Renato e também as músicas da peça junto com a Geny Marcondes. Lá pelas tantas, o Zé Renato propôs que a gente ficasse sócio do teatro. Então, a gente agia como se o teatro fosse nosso. Só que o Zé, lá pelas tantas, disse que fazia sociedade com todo mundo, menos comigo. Palavras dele: que me amava como um filho, mas que eu pensava muito diferente dele. Então, saí dali e fui dirigir uma peça no Teatro Jovem, que era de um rapaz chamado Kleber Santos, e cuja sede provisória era a Faculdade de Arquitetura na Praia Vermelha. Nesse meio-tempo, Vianinha, Miguel Borges e eu tínhamos tentado escrever uma peça a seis mãos. Mas como o Miguel e eu divagávamos muito (e também éramos meio vagabundos), o Vianinha escreveu sozinho. Daí eu falei: vou estrear como diretor, montando essa peça. Formei o elenco com o pessoal do Teatro Jovem, e mais um pessoal da própria Arquitetura. Eu queria montar uma peça monumental e peguei um grupo de mais

¹ Depoimento editado a partir de entrevista a Jalusa Barcellos. BARCELLOS, Jalusa. *CPC – Uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 137-140.

ou menos 70 pessoas. Naquela época eu era muito influenciado pelo Erwin Piscator, um contemporâneo de Brecht e pelo próprio Brecht. Resolvi então convidar para participar do grupo dois intelectuais que dessem fundamento ao projeto: Carlos Estevam e Roland Corbisier. [...] Eu frequentava o Iseb, porque queria armazenar conhecimentos sobre o Brasil. Passava o dia inteiro lá, ouvindo fitas e mais fitas. Tudo que tinha de novo eu via, lia aqueles livros todos, e tudo isso sem pagar nada. Naquele tempo, eu era tão miserável que nem tinha onde morar. Eu morava no teatro. Bom, para conhecer o Brasil e seus problemas, nada melhor que o Iseb. Foi daí que fiz amizade com o Roland Corbisier, que contribuiu para mudar a minha cabeça com muita coisa. Acho que também contribuí para mudar algumas opiniões dele, e foi assim que conheci o Carlos Estevam. E eu o convidei para o grupo da *Mais-valia*. Aliás, a intelectualidade frequentava os ensaios da peça, eu fazia ensaios abertos. Lembro-me do Hélio Fernandes lá. Era interessante o negócio, e foi daí que pensei: se todo esse pessoal está vindo aqui, é porque todos eles, mais ou menos, têm uma certa unidade. Haviam desaparecido aqueles jornais nacionalistas que havia na época. Parecia, então, ser o momento ideal de formar uma frente intelectual com todo esse pessoal. Ao mesmo tempo, com essa montagem, eu fui roubando o pessoal do Arena. Roubei, inclusive, o próprio Vianna. Ele largou o Arena e veio trabalhar na sua peça. Com isso, o nosso movimento ficou mais forte que o Arena... Porque, desde o início, o movimento já aglutinava um número maior de pessoas. E vinha gente de todo lado: os jovens (e futuros arquitetos), que estavam ali na faculdade; gente de cinema, como o Leon Hirszman; artistas plásticos como Roberto Scorzelli e Mauro Guarany; músicos como Carlos Lyra, Carlos Castilho, Angelo Póvoa... Quem administrou, quem cuidou o tempo todo dessa montagem foi o Carlos Miranda. Bom, a montagem fez tanto sucesso que ficou quase dois anos em cartaz, num teatro que tinha 1.200 lugares. E aí, obviamente, começou a centralizar o interesse das pessoas. Tinha gente que estava meio

desligando da bossa-nova, como o Geraldo Vandré, por exemplo, que começou a frequentar o teatro. Aí, nos reunimos Miguel Borges, Vianinha, Nelson Xavier, Flávio Migliaccio e eu. Eu apresentei essa ideia de fazer um movimento. Isso aconteceu numa sexta-feira; na segunda, o Vianna e o Carlos Estevam já tinham colocado essa ideia no papel, com tudo regulamentado e junto à UNE. [...] Eu fiz a peça e de vez em quando eu voltava ao Rio [da Bahia] para visitar o pessoal e dar um abraço.

INFLUÊNCIA DE PISCATOR¹

Chico de Assis

Quando eu fui montar *A mais-valia* convidei algumas pessoas do Iscb para serem uma espécie de assessores no que eu ia fazer lá. E o Carlos Estevam foi um desses assessores. Aí eu comecei a montar a *Mais-valia*, que não era uma peça dialética, *à la* Brecht. Ela é antes um Brecht de ópera, aquelas óperas que não são dialéticas, que são peças normais. Comecei a montar e comecei a fazer coisas que na época não se fazia: colocar filmes, colocar *slides*, coloquei um cenário monumental em homenagem ao Piscator, o meu fazedor de cabeça mais antigo.

Com o elenco eu trabalhei de modo a interpretarem sem nenhuma identificação. Primeiro que os ensaios eram abertos, então eu tinha na minha plateia jornalistas, cineastas... Era um teatro ao ar livre, na Faculdade de Arquitetura, era num pátio sem tampa. Um teatro elisabetano, verdadeiramente porque não tinha teto. E começou a se formar um grupo de intelectuais que frequentavam o ensaio. Eu queria que eles ensaiassem sempre com uma plateia e depois eu perguntava ao público o que achavam, e eles davam palpite. Tinha muita gente de teatro que ia lá. Depois que terminava o ensaio eu fazia uma espécie de debate e o pessoal falava: “Não, isso e aquilo...”.

¹ Depoimento inédito concedido à Companhia do Latão em 2009 durante a pesquisa do espetáculo *Ópera dos vivos*. Participaram da conversa, entre outros, Helena Albergaria, Martin Eikmeier, Ney Piacentini, Roberta Carbone, Rogério Bandeira e Sérgio de Carvalho.

O debate era tanto estético quanto político. O Hélio Fernandes, por exemplo, que era um cara de direita, o Millôr e o irmão dele também participaram. E eles tinham sempre um olho torto para a ideia política, mas esteticamente ficava todo mundo no mesmo plano, assim como tinha uma série de jornalistas que iam lá e eram de esquerda, o Miguel Borges, por exemplo, que era um cara bem de esquerda, hoje ele trabalha lá no Ministério da Cultura, o Miguel era um cara que batia o sino do outro lado.

A plateia não polemizava. A polêmica é irmã da guerra. Então não tinha polêmica. Tanto é que alguns amigos meus quando souberam que o Hélio Fernandes, que era diretor do jornal *A Tribuna da Imprensa*, o jornal do Carlos Lacerda, frequentava os meus ensaios ficaram horrorizados e eu falei: “O que é que tem?”, “Esse cara é reacionário, de direita” e eu disse: “E daí? Não é com esses que nós temos que conversar ou será que eu estou enganado? Eu vou convencer o já convencido?”. Então eu não liguei pra nada disso, como nunca liguei. O CPC começou com este grupo que estava na plateia assistindo os meus ensaios. Um dia eu cheguei pro Vianna e disse “Eu estou com uma ideia de juntar essas pessoas pra continuar esse processo depois que a *Mais-valia* estreiar”. Então, nos reunimos com eles, com essa diversidade política. E o Vianna falou “Ah, é uma boa ideia”. E saiu correndo com o Carlos Estevam pra montar isso na UNE com os estudantes. Aí eu falei “Opa! Eu não disse isso, eu não falei ir com os estudantes”. Então eu participei em duas reuniões e fui embora. Eu achava que a gente tinha que ter uma política ampla, eu achava que se a gente caísse na UNE já estávamos determinados a um tipo único de política.

A COMPREENSÃO DO OPERARIADO¹

Paulo Sandroni

– O que você achou da peça?

A inesperada pergunta da jovem que antes estivera no palco colocou-me na defensiva. Hesitei, e ela se dirigiu à pessoa sentada ao lado fazendo maquinalmente a mesma pergunta. No Rio, especialmente no verão, eu não costumava passar as tardes de sábado dentro de um teatro. Mas, com a insistência de um colega de Faculdade [...] fui assistir meio desconfiado à *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*. Se não me engano, a peça era uma criação coletiva do pessoal do Teatro de Arena da Escola de Arquitetura. Os organizadores esperavam a participação do público no final. Discutindo as questões levantadas. Aliás, estava muito em moda levar operários “de verdade” para valorizar este tipo de espetáculo onde se denunciava o imperialismo, mas também a exploração capitalista. Naquele sábado, no entanto, os trabalhadores convidados talvez tenham ficado mais assustados do que eu com a pergunta da jovem. Nenhum deles abriu a boca e, evidentemente, não entenderam o que o pessoal do CPC pretendia explicar. Apesar de calouro da Faculdade de Economia, ou talvez exatamente por isso, também não consegui perceber grande coisa. Mas, uma cena da peça coincidia admiravelmente bem com a im-

¹ SANDRONI, Paulo. *O que é a Mais-Valia*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Coleção Primeiros Passos, p. 7-9.

pressão mais marcante que conservei de minha experiência anterior como assalariado: alguém sem trabalhar lucrava com o trabalho dos outros. O primeiro contato que tive com esse problema crucial, isto é, com a exploração existente na sociedade capitalista, foi muito mais prático do que teórico. De maneira que, ao começar a ler as “sagradas escrituras”, já possuía certa bagagem que me ajudou enormemente a compreendê-las. [...] Para mim o importante foi a identificação de uma questão que havia experimentado na pele e que serviu como espécie de chispa para entender também do ponto de vista teórico, o que era a exploração capitalista.

A FORÇA DO AMADORISMO¹

Paulo Hime

Fazíamos parte de um grupo de teatro jovem, muito amador, que funcionava na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro. Uma noite chegou por lá o Chico de Assis, encantador como ele era, com uma peça para a gente ler, era *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*, do Vianinha. Mas quem tomou a frente do processo foi mesmo o Chico de Assis, que para dirigir a peça utilizava-se muito de exercícios de Stanislavski e de outros textos que ele trazia, pois era muito culto e rigoroso em sua direção. Acho que isso ajudou para que houvesse entre nós um sentimento de muita união e para que todos nós colaborássemos como podíamos para a encenação, mesmo sendo todos tão novos e amadores. Eu, por exemplo, emprestei três casacas do meu pai para o figurino dos três capitalistas. Quer dizer, emprestar é eufemismo, né? Pois as casacas nunca mais foram devolvidas [*risos*]. Esse era o espírito que reinava na montagem.

Mas apesar do texto ser de Vianinha, era o Chico mesmo quem encabeçava tudo, pois o Vianinha estava ocupado com as peças que o Teatro de Arena trouxe para o Rio de Janeiro, na época, entre as quais estava *Eles não usam black-tie*. Aquela temporada foi um grande marco na história do teatro no Rio de Janeiro e todas as noites fomos lá para ver a peça e sair depois para beber e conversar com o

¹ Depoimento inédito concedido a esta publicação em fevereiro de 2016. Entrevista e edição de Paula Autran.

Vianinha, a mulher dele, Vera Gertel e os outros. Mas nos ensaios ele não aparecia, não. Ele, como todo o restante do pessoal do Arena, foi na estreia mesmo.

Durante a temporada da *Mais-valia* o público que vinha era o pessoal da zona sul da cidade, que já tinha intimidade com o assunto político do qual a peça tratava. A meu ver, a peça é um pouco difícil para quem não tinha intimidade com o assunto. O próprio nome da peça já indicia isso claramente. A temporada era um sucesso com esse público, que se emocionava muito e que vinha repetidas vezes assistir ao espetáculo, que era mesmo muito emocionante, ainda mais por causa das músicas do Carlos Lyra. No entanto, dentro do elenco a situação era cada vez mais tensa, com dois lados se formando claramente. De um lado estava o Chico de Assis, o Vianinha, que após o término da temporada de *Eles não usam black-tie*, começou a vir às nossas apresentações, o cineasta Leon Hirszman, eu e outras pessoas (das quais não me lembro mais) e do outro o Kleber Santos, que era diretor do Teatro Jovem e outros atores, como Joel Ghivelder e seu irmão Moysés Ghivelder e outros.

O acirramento da cisão foi tal que resultou em um racha violento, o que fez com que a peça tivesse que ser encerrada. A principal divergência entre eles era, obviamente, questões ideológicas. Não podemos esquecer que estávamos em plena década de 1960, quando isso era muito importante. O Chico de Assis e o Vianinha eram declaradamente comunistas e cada vez mais colocavam em cena e em todas as suas ações e falas essa ideologia. O restante do pessoal não era assim tão decidido ideologicamente e chegou um momento em que não deu mais para continuar naquele clima de enfrentamento. Por conta da cisão eles refizeram o texto, cortando cenas que achavam que não funcionavam, então tivemos uma espécie de reestrela da peça mesmo.

Mas depois disso ficamos pouco tempo em cartaz, pois a impressão que dava era que Vianinha queria acabar logo com a peça para ir para a UNE fundar o CPC, que foi exatamente o que aconteceu.

No dia seguinte ao término da temporada já estávamos lá na UNE inaugurando o CPC. Eu fui participante ativo do CPC do começo ao final da sua existência. Com a *Mais-valia*, o Vianinha queria mesmo criar um público novo para o teatro e expandir a consciência social dos espectadores, mas isso não aconteceu, o que o deixou um pouco frustrado. Mas o CPC já ia mais ao encontro do que ele queria, com a questão social muito ligada à linguagem teatral, mas como sabemos nem mesmo lá a revolução acabou acontecendo. De qualquer modo, foi um período muito fértil, muito bonito e de grande relevância não apenas na vida de todos nós que participamos dele, como também da história da arte e da política do nosso país.

REPENSANDO A MAIS-VALIA¹

Iná Camargo Costa

Marx em *Salário, preço e lucro* pergunta algo como “Quando o trabalhador reivindica melhores salários e os patrões concedem o aumento, repassando-o aos preços, quem é o responsável pelo aumento do custo de vida: o trabalhador ou o patrão?” Essa é a pergunta. O Marx responde e o Augusto Boal desenvolve esse teorema na peça *Revolução na América do Sul*. O Vianinha, a partir desta questão dá mais um passo, por isso a peça dele se chama *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*.

E por que eu posso dizer que o diálogo é interno às obras? Primeiro porque o Vianinha participou como ator da *Revolução na América do Sul*, e segundo porque em *Revolução* tem uma cena em que o miserável do trabalhador foi pedir aumento e em vez de aumento ele foi demitido. Aí ele vai à feira, vê a escalada dos preços e vai progressivamente se convencendo de que a culpa é dele mesmo.

O Boal, que tem outro ponto político da maior importância, já fala em revolução em 1960 – até porque a revolução em Cuba aconteceu em 1959 – mas está prestando atenção nas condições da

¹ Depoimentos inéditos extraídos de debate organizado pela Companhia do Latão, no Ciclo de Debates Ópera dos Vivos, dia 16 de fevereiro de 2011 no Sesc Belenzinho. Mediação de Maria Silvia Betti. Transcrição e edição de Érika Rocha.

contrarrevolução no Brasil. O personagem vítima da contrarrevolução é o trabalhador que quer ter noção dos seus direitos.

Estas peças inauguram um fenômeno estético, artístico, político e estudantil que acaba por criar uma organização que rompe o cerco que vai ao público popular do teatro. Então, neste processo, que é dos anos de 1961-62, eles conseguem convencer a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE) de que era possível criar a partir da estrutura da UNE uma espécie de departamento que se chamou Centro Popular de Cultura (CPC). Este organismo teria por finalidade produzir obras que dessem continuidade à experiência do Vianinha em *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* em todas as frentes – teatro, música, publicações. Era uma animação só.

João das Neves

Eu não sou um dos fundadores do CPC, eu fui participante a partir exatamente do final de 1962 – o CPC já tinha quase dois anos – e lá fiquei até abril de 1964. E também quero fazer uma coisa que é muito esquecida, já que nós estamos falando de acontecimentos históricos.

A importância do Vianinha todos conhecem e não é preciso nem falar disso. O Vianinha é uma figura excepcional, que formou todo esse movimento. Mas acontece uma injustiça histórica sempre que citam o CPC e não citam o Chico de Assis, porque, na verdade, foi o Chico de Assis quem levou o Vianinha para Faculdade de Arquitetura onde existia o Teatro Jovem, grupo dirigido por Kleber Santos. E foi lá que eles fizeram *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*.

O CPC nasceu do encontro entre o Chico de Assis, o Vianinha e o Carlos Estevam, que foi chamado do Iseb para dar um fundamento teórico à *Mais-valia vai acabar, seu Edgar*, para explicar a mais-valia, enfim, para conversar sobre problemas marxistas para ver de que maneira eles poderiam fazer essa adaptação. Esses três mais o Leon Hirszman formaram o núcleo básico de onde saiu o CPC. Com a ida deles para a UNE, dada a repercussão daquela peça, tiveram a

oportunidade de trabalhar com uma entidade de massas, ainda que massa estudantil.

Pouco depois, o Chico de Assis saiu do CPC do Rio de Janeiro por dissidência de pensamento com o Vianinha. Não se desligou deles, mas tomou outros rumos. E nisso a figura dele é muito esquecida.

Eu quero fazer justiça a isso porque é uma justiça histórica. A história deve ser contada como ela é. O Vianinha é uma figura excepcional, mas como toda figura excepcional chama para si uma atenção muito grande e, de repente, figuras que estão ao lado dele desaparecem.

TUDO SOBRE A MAIS-VALIA VAI ACABAR, SEU EDGAR¹

Amanhã: *A mais-valia vai acabar, Seu Edgar*

A estreia de *A mais-valia vai acabar, Seu Edgar*, de Oduvaldo Viana Filho, na arena da Arquitetura marca o início das atividades do Teatro Jovem, grupo fundado e dirigido por Kleber Santos e Moysés Ghivelder. É portanto mais um grupo que surge no panorama teatral brasileiro, e que se propõe um programa bastante ambicioso de realizações, tanto no campo dos espetáculos propriamente ditos, como também no que diz respeito a atividades culturais ligadas a teatro, como sejam exposições, conferências, debates etc. Quanto aos espetáculos, pretende o grupo realizar até o fim de 1960 uma fase experimental, tendo feito para isso um convênio com o Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Arquitetura. A peça de Oduvaldo Viana Filho é, portanto, o primeiro espetáculo desse convênio. Finda essa fase, o grupo terá a experiência suficiente para definir seus rumos para a fase estável.

O texto escolhido, a direção, entregue a Francisco de Assis do Teatro de Arena de São Paulo, a série de recursos usados, alguns pela primeira vez no teatro brasileiro, como por exemplo o emprego da projeção cinematográfica simultânea à ação teatral, todos esses fatores criaram para a estreia de *A mais-valia vai acabar, Seu Edgar* uma intensa expectativa no meio intelectual.

¹ Tudo sobre "A mais-valia vai acabar Seu Edgar". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1960. 2º Caderno, p. 3.

Direção

Francisco de Assis é um jovem de 26 anos que desistiu da engenharia para fazer televisão. Trabalhou na Tupi de São Paulo com Antunes Filho e Walter Durst. Saiu da Tupi para o Teatro de Arena, onde passou a fazer parte do Seminário de Dramaturgia e Laboratório de Interpretação. No Teatro de Arena, fez parte de todas as montagens desde *Eles não usam black-tie*, de G. Guarnieri, até *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, onde foi assistente de direção e fez as letras das canções. Antes já tinha sido assistente de direção de *Plantão 21*. Aqui no Rio, continua a participar do Seminário de Dramaturgia, nos mesmos moldes teóricos de outros seminários organizados por Augusto Boal. No momento, convidado pelo Teatro Jovem foi cedido pelo Teatro de Arena de São Paulo para dirigir a peça de seu companheiro Oduvaldo Vianna Filho, onde acredita ter aplicado os resultados de vários estudos e experiências no Teatro de Arena. Francisco de Assis pretende proximamente concluir um trabalho sobre as perspectivas de um teatro épico de temática nacional e escrever paralelamente uma peça sobre os problemas da reforma agrária. Continuará fazendo teatro, estudando cinema e tentando usar esse meio de expressão no teatro.

Figurinos

Os figurinos, também realizados em equipe, tiveram a orientação de Arthur Maia Filho, estudante de arquitetura e decorador, que estreia na *Mais-valia* como figurinista e ator. As máscaras e complementos em geral são de uma equipe orientada por Joel Ghivelder, Luís Candido e Sylvia Granville.

Cenografia

O cenário e todos os elementos ligados ao cenário foram realizados, desde a concepção inicial até a execução, por uma equipe de estudantes de arquitetura, funcionando portanto o trabalho de

cenografia como um autêntico curso prático. A concepção geral do cenário e sua estrutura ficaram a cargo de Kleber Santos. Os telões giratórios são de Roberto Scorzelli, estudante de arquitetura e artista plástico bastante conhecido através de suas exposições e participações nos últimos salões de arte moderna. Os praticáveis e elementos de cena são de Marcello Monteiro, também estudante e conhecido ultimamente por suas charges para *Revolução na América do Sul*.

O autor e a peça

Oduvaldo Vianna Filho, jovem da mesma geração de Francisco de Assis, é também um membro do Teatro de Arena de São Paulo. Ator em todas as montagens levadas a cabo pelo Arena, é também autor de várias peças, entre as quais se destaca *Chapetuba F. C.* já exibida na temporada que o grupo paulista vem realizando no Rio. A *Mais-valia* nasceu de um seminário de economia realizado já nesta fase carioca do T. A. Oduvaldo, estudando o problema, decidiu transpô-lo em termos de teatro. Para isso foi necessário criar linguagem nova que atingisse seu objetivo de "explicar" com sua peça a teoria exposta.

Mais-valia é tema de economia. *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* é portanto teatro político.

Música

A música, um dos elementos fundamentais para a montagem, é de autoria de Carlos Lyra, o conhecido e popular cantor e compositor da "bossa-nova". Lyra musicou trechos do texto de Vianna e compôs também música incidental que sublinha às vezes a ação teatral e às vezes a ela se contrapõe, num total de mais de trinta composições.

Montagem e seleção de filmes

Leon Hirszman, cineasta e futuro engenheiro, foi convidado pela direção para conceber e executar a participação da projeção cine-

matográfica no espetáculo. Além de uma apresentação em desenho filmado. Leon utilizou a montagem de películas já realizadas. Haverá também projeção de *slides*.

Estreia, espetáculos, horários

O espetáculo de amanhã, segunda-feira, 25, será dedicado à crítica, à classe teatral e a convidados. Está marcada para as 22 horas. A partir de quinta-feira, 28, a peça entrará em carreira normal, com espetáculos às quintas, sextas e sábados às 21 horas e aos domingos, às 19 horas. A Arena de Arquitetura está situada à Av. Pasteur, 250, edifício da Reitoria, na Praia Vermelha, e as reservas poderão ser feitas pelos telefones 26-9229 e 461279.

A MAIS-VALIA VAI ACABAR, SEU EDGAR¹

Van Jafa

Creio que Oduvaldo Vianna Filho ainda não se deu conta da obra que fez. O problema advém de quando se tenta encontrar política participante em sua obra e o que há é poesia atuante. As ideias do autor não são políticas, são românticas. *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* é a mais lúcida e importante comédia musical que já se escreveu entre nós. Se tivesse sido por um nome estrangeiro, se tivesse sua estreia em Nova Iorque, em Paris, Londres, ou Berlim, teria uma carreira garantida, tanto como sucesso de bilheteria como de permanência em cartaz, percorrendo os palcos do mundo com o mesmo entusiasmo do lançamento inicial e recebida, tenho certeza, com inusitado interesse da crítica e entusiástico apoio das plateias.

Exatamente nesse momento histórico em que se verifica a falência do comunismo dentro do próprio território russo, em que a Rússia caminha visivelmente para o capitalismo e que por seu lado o capitalismo endereça-se ao socialismo, como pude verificar ao vivo, a peça de Oduvaldo Vianna Filho ganha uma importância transcendente. Sua peça é um achado e um legítimo divertimento. E o espetáculo posto de pé por Francisco de Assis é rico de sugestões e itinerários.

¹ JAVA, Van. "A mais-valia vai acabar, seu Edgar". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1960. 2º Caderno, p. 3 e 6.

Os mais lídimos dentro do espírito da melhor comédia musical contemporânea.

Evidentemente que os dirigentes russos não podem confessar de público a falência do regime, porque o povo russo faria com eles o que eles fizeram em 1917 com a nobreza czarista. O povo russo é tão comunista como eu, ou como foram nazistas os alemães da fase de Hitler. A única diferença é que posso exprimir meu pensamento e gozar das liberdades essenciais do homem e os russos não. Evidentemente que regime algum pode ter bom resultado privando o homem de sua liberdade e de sua individualidade. Por outro lado os excessos do capitalismo tinham que ser sanados, como tem sido o desse *intermezzo* de concessões de ambas as partes, o mundo vai ganhar uma nova ordem.

Exatamente por esse aspecto é que a peça de Oduvaldo Vianna Filho ganha densidade e se promove a mais deliciosa sátira dos tempos modernos. Comunismo só existe na concepção romântica dos países subdesenvolvidos. De resto está provado que o busto de Marilyn Monroe promove mais uma nação do que as cenas de vedetismo frenético do camarada Kruschov. O moderno teatro russo e também o cinema, nos seus últimos experimentos comprovam essa verdade.

Oduvaldo Vianna Filho leu Karl Marx mas também leu Sigmund Freud, leu Bertholt Brecht mas também leu Marcel Proust e daí não resistir ao gênero *vaudeville* acrescentando à literatura dramática de Eugène Labiche e Georges Feydeau, o lírico-social que lhe faltava, e criou assim um gênero particularmente delicioso, dentro da época, nervoso, atualíssimo e paradoxalmente saudosista. Quanto pensar que estão fazendo teatro social é o mesmo que as abelhas imaginarem que estão industrializando o mel. Nem mesmo o Berliner Ensemble de Helena Weigel pretende mais doutrinar “a não ser na aparência” porque podendo ser uma genial atriz dramática não vai reduzir-se a uma atriz política.

A direção de Francisco de Assis é muito requintada e bastante sortida de achados plásticos, o que torna a peça mais engraçada e conseqüentemente mais convincente. Sobre Francisco de Assis “que é ainda um diretor com cheiro de leite”, conduziu o espetáculo com um rendimento plástico incomum e uma vibração artística sensível no referente aos atores jovens, na sua grande maioria estreantes, ainda no B com A, BA, do teatro. Teve assim uma habilidade de conduzir novinhos na complicada multiplicidade exigida pelo espetáculo.

Por sua vez não podemos ficar indiferentes à música de Carlos Lyra que serviria para consagrar um jovem compositor. A partitura de Carlos Lyra integra a poesia do espetáculo e colabora imensamente para o sucesso da peça. Os desenhos de Roberto Scorzelli dão a atmosfera.

O equilíbrio da equipe de artistas vestindo seus personagens múltiplos é quase inacreditável. Há uma concordância entre intérpretes e personagens raramente presenciada em espetáculos assim. Esse afinamento reforça a posição do seu jovem diretor como coordenador dos seus dirigidos. Assim é que a equipe feminina funciona nos seus papéis determinados. Ignez Maia, Maria Martins, Sylvia Granville, Vera de Sant’anna e Zelinda Paes de Souza, todas contribuem nas suas posições para o equilíbrio do jogo cênico, com sua graça, sua presença, até mesmo sua desenvoltura. Na equipe dos moços notam-se verdadeiras vocações e também revelações. Assim é que Heleno Prestes, Paulo Hime, Moysés Ghivelder, Allan Vianna, Joel Ghivelder, Arthur Maia Filho, Alberto Reis, Kleber Santos, Mauro Martins Ribeiro, Pedro Camargo e Angelo Antonio dão o melhor de si mesmos para a validade dessa experiência, que de resto, é brilhante e excepcionalmente inspirada.

Esses moços (no sentido genérico) estão cheios de uma vitalidade esplêndida esperando tão-somente o chamamento para provar que podem. Essa juventude sadia e rica de itinerários que anima o meio universitário em geral e particularmente a unidade da Faculdade

de Arquitetura da Universidade do Brasil², necessita apenas de um brado para febrilmente se entregar numa obra de criação prenhe de beleza e futuro.

Agora mesmo acabo de presenciar em Paris um admirável espetáculo levado a efeito pela ANTA na nave da Igreja de Saint-Germain-des-Prés. Somente no Brasil não se leva em consideração o que podem realizar os universitários. Quantas vocações incubadas, quantos talentos nascentes poderão ser denunciados num movimento dessa categoria em todos os setores da arte dramática. Atores, diretores, cenógrafos, técnicos de som, luz, figurinistas, cartazistas etc. A encenação de *A mais-valia vai acabar* é uma prova eloquente dessa realidade. Os universitários (nas universidades europeias e norte-americanas é comum ter no seu *curriculum* um curso de arte dramática) poderão ajudar muito a dotar o Brasil de um melhor teatro, com seus movimentos.

Na realidade são poucas as restrições que faço ao espetáculo de Francisco de Assis. Primeiramente daria um intervalo juntamente na cena que acontece o congresso dos economistas (um verdadeiro achado do qual creio fazer parte o ator da peça em face das suas concepções desenvolvidas). Na cena dos barbeiros que é um pouco longa apararia (graça como anedota nunca deve ser repetida) um pouco e colocaria música na cena. Também o final deveria ser mais contagiante e socialmente apoteótico. Mudaria a marcação um tanto bisonha e com música mais forte e canto mais vibrante e faria passar na tela, cenas da praia de Copacabana, da Ilha de Paquetá, cenas primaveris, automóveis esporte, aviões a jato de passageiros, e cenas campestres de idílica beleza, com sol, chuva, crianças e cachoeiras.

Os figurinos de Arthur Maia Filho são funcionais e rítmicos. A seleção de filmes bem conduzida e bem propositada de Leon Hirsz-

man. Cenários que atendem às necessidades da peça. A orquestrinha deliciosa. E tudo mais funciona bastante bem. *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* tem uma justificativa inútil no programa do próprio autor. Ali Oduvaldo Vianna Filho pratica o seu engano romântico e dá provas que não tem a menor ideia da obra que produziu. *A mais-valia vai acabar, seu Edgar* é a maior comédia musical que se escreveu no Brasil. Um elenco profissional teria capitalizado muito dinheiro com o espetáculo. Não percam.

² Nome que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) recebeu entre 1937 e 1965.

É POSSÍVEL FAZER TEATRO DIDÁTICO¹

Entrevista de Oduvaldo Vianna Filho a Beatriz Bandeira

O Teatro de Arena da Faculdade de Arquitetura encenou, com último comparecimento de público, durante algum tempo, a peça de Oduvaldo Vianna Filho: *A mais-valia vai acabar, seu Edgar*. Já tivemos a oportunidade de ressaltar, em nossa coluna semanal, a importância e significação do fato no programa teatral.

Realmente, a tentativa de transpor para termos dramáticos, isto é, traduzir para a linguagem teatral, um tema de economia, dando ao teatro um sentido político, constituiu magnífica experiência, de resultados, sem dúvida, muito positivos.

Para nós um dos grandes méritos do trabalho de Vianinha foi esse: abrir discussão acerca de uma teoria pouco divulgada, mesmo em meios culturais em que o seu estudo seria imprescindível.

Por essas razões pareceu-nos interessante ouvir a palavra do autor. Perguntamos:

– Vianinha, você naturalmente leu os comentários de críticos especializados, em torno da peça. Qual a sua impressão?

– Bem; antes de mais nada eu penso que os críticos subestimaram a importância da minha peça. E não ajudaram em nada. Discutiram

¹ Esta entrevista crítica foi realizada antes da estreia da segunda montagem. BANDEIRA, Beatriz. É possível fazer teatro didático. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 9-15 set. 1960, p. 5.

quanto aos meus conhecimentos marxistas. Aceitaram ou negaram Marx, mas não quiseram ou não souberam apresentar sugestões ou contribuições que me possibilitassem melhorá-la. Para mim o importante era saber: é possível fazer-se um teatro assim didático, abordando temas tão áridos e difíceis como esse? Eu creio que sim, mesmo sabendo que essa primeira experiência não foi exatamente como deveria ter sido ou como eu gostaria que fosse. O mais necessário era ventilar o assunto, fazer com que se sentisse a necessidade de estudá-lo. Eu próprio sinto que seria preciso ter um domínio muito maior, conhecimentos muito mais profundos de Economia Política para conseguir fazer do espetáculo uma verdadeira aula acessível e agradável, divertida...

– Concordo com você, Vianinha. A falha principal que noto em sua peça é que a preocupação em amenizar um tema pouco acessível fez com que você abusasse de recursos, digamos, didáticos, os quais em vez de simplificar dificultaram a compreensão, pelo excesso. Assim, a peça, que não tem intervalo, tem a duração de uma normal em três atos com dois intervalos. Isso a torna cansativa.

– Exato. A peça deveria durar cinquenta minutos no máximo. Em parte a direção de Francisco de Assis, preocupado como eu em amenizá-la, contribuiu para torná-la excessivamente longa. Aliás, quero que fique claro que isso aconteceu com meu consentimento, pois estive perfeitamente de acordo com a direção do Chico. Foi dado um ritmo demasiado lento ao espetáculo.

– Sem dúvida; entretanto eu sou do parecer que essa monotonia decorre da própria peça, que deveria ser “podada”. Se você a lesse cuidadosamente e fosse cortando todas as redundâncias, o emprego excessivo de sinônimos, as rimas em profusão, ela não apenas se tornaria mais curta, como ganharia em densidade e até em clareza.

– É claro. Mas todas essas falhas aconteceram devido à permanente preocupação em amenizar o assunto. Não sei se você reparou que frequentemente os sinônimos foram empregados de maneira imprópria e jocosa.

Outro ponto muito abordado quando se fala na peça de Vianinha é mesmo das outras encenadas pelo conjunto do Arena de São Paulo: a que espécie de público se dirige o autor? Ao público habitual de teatro – em sua maioria composto das camadas melhor remuneradas da pequena burguesia, intelectuais, artistas, estudantes? Ou um público proletário capaz de compreender melhor peças como *Gimba* e *Eles não usam black-tie*, de G. Guarnieri, ou *Chapetuba* e *A mais-valia* de O. Vianna, filho, por tratarem de problemas diretamente ligados à classe operária?

Perguntamos isso a Vianinha, e, em caso de haver a finalidade de atingir um público proletário se – realisticamente – haveria condições para isso.

– Veja; a minha peça foi escrita especialmente para esse público. Em um dos debates de nosso Seminário de Dramaturgia ficou resolvido que seriam abordados temas econômicos para serem representados em um Congresso de Jovens Trabalhadores que se realizaria ou realizou-se em janeiro do corrente. Eu escolhi a teoria da mais-valia. Não há possibilidades de operário vir ao teatro – por uma série de condições econômicas e sociais – mas é muito fácil o teatro ir até o operário. As dificuldades materiais são facilmente removíveis, principalmente em se tratando de espetáculos como esse que, praticamente, não requer cenário e pode ser levado ao ar livre, em clubes de bairro, sindicatos. Basta simplesmente que todos os componentes do grupo queiram tomar essa iniciativa.

Censurou-se também o excesso de palavrão ou escatologias empregados em *A mais-valia*. Vianinha faz um risinho brejeiro meio moleque e confessa:

– É uma crítica justa, eu abusei, não há dúvida, mas é que eu gosto realmente de empregar essas palavras, mesmo em conversa. Acho que elas têm muita força...

– O palavrão tem sua força e sua função na literatura ou no teatro sempre que contribua para caracterizar um personagem, um ambiente,

uma situação. Nem sempre foi o caso em *Mais-valia*. E então ele se torna gratuito e conseqüentemente artificial...

Vianinha concorda. O tempo voa e já está quase na hora do jovem casal – ele e Vera Gertel – seguir para a vesperal. Fazemos nosso último comentário.

– Você não gosta que se assinale a influência de Brecht na sua peça? Você sabe que todos nós estamos sujeitos às influências de autores que mais apreciamos ou com os quais temos maiores afinidades. E no caso, quer-me parecer que tal influência só pode ser benéfica. Que acha você?

– Claro; não há razão para negar tal influência.

– Tanto mais, concluímos, que quem quer que se proponha fazer teatro social sofrerá, inevitavelmente, influência dos dois grandes do gênero: Brecht e Chaplin, não lhe parece?

Quando nos despedimos Vianinha contou que possivelmente superadas as dificuldades do Teatro Jovem, já na próxima semana voltaria ao cartaz *A mais-valia vai acabar, seu Edgar...*